

JULIA LOPES DE ALMEIDA

(Small decorative mark)

Historias

DA NOSSA

Terra

6.^a edição revista e augmentada

FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OQUEADOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

PARIS

96, BOULEVARD MONTMARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 73

(LIVRARIA BERTRAND)

1911

SA
38-9
07

8 A 11
12



00000172

Historias da Nossa Terra

OBRAS DA MESMA AUCTORA:

HISTORIAS DA NOSSA TERRA, 1 vol. ill.	2\$000
TRAÇOS E ILLUMINURAS, contos.	\$000
A FAMILIA MEDEIROS, romance.	3\$000
MEMORIAS DE MARTHA, novella.	2\$000
A VIUVA SIMÕES, romance.	\$000
A FALLENCIA, romance.	4\$000
LIVRO DAS NOIVAS, 1 vol. ill. e enc. em Paris.	7\$000
ANCIA ETERNA, contos.	\$000
A INTRUSA, romance.	\$000
LIVRO DAS DONAS E DONZELLAS, 1 vol. ill. e enc. em Paris	7\$000
CRUEL AMOR!, romance.	\$000

DE COLLABORAÇÃO:

CONTOS INFANTIS, com <i>Adelina Lopes Vieira</i>	\$030
A CASA VERDE, romance, com <i>Filinto de Almeida</i>	\$000

EM PREPARAÇÃO:

ELLES E ELLAS, monologos	\$000
------------------------------------	-------



23661

JULIA LOPES DE ALMEIDA



Historias

DA NOSSA

Terra

6ª edição revista e augmentada



FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

1911

Biblioteca Nacional de Maestros

Todos os exemplares d'este libro são rubricados pela auctora

Soares

A MEUS FILHOS



A nossa bandeira.

A NOSSA BANDEIRA



Verde, da côr dos mares e das florestas que embellezam a nossa terra desde a serra de Roruima até á barra do Chuy; azul, como o céu infinito em que abre os braços lucidos o Cruzeiro do Sul; dourada, como o sol que alegra o espaço e fecunda os campos, a nossa bandeira retrata nas suas côres as supremas maravilhas do universo!

Filhos do sul ou filhos do norte, qual de nós não estremecerá de orgulho á sua gloria? qual de nós não vibrará de entusiasmo ao sentil-a acclamada pelos outros povos? qual de nós não se commoverá vendo-a desfraldada em paiz extranho, ou não se sentirá capaz das maiores audacias para a defender de uma affronta e livral-a de uma derrota?

A nossa bandeira é como um pallio confraternizador sobre a cabeça de todos os brasileiros. Unamo-nos para honral-a na sua grandeza e para que ella seja sempre para nós, além do symbolo da Patria, o symbolo do Bem, da Razão, da Justiça. Só é inatingivel o que é impeccavel; só é forte o que é puro. São as virtudes do povo que tornam a sua bandeira respeitada; são os seus trabalhos, os seus empreendimentos, o poder da sua intelligencia, a inteireza do seu character e a magnanimidade do seu coração, que lhe dão prestigio deante de todo mundo.

Assim, esforcemo-nos para que á sombra da nossa bandeira só nasçam e se desenrolem bellas acções. Que ella pacifique gentes inimigas, quer tremule nos mastros sobre as aguas inquietas, quer penda nas cidades sobre os telhados abrigadores do homem; que ella, que tem na cõr a suggestão da esperanza, sorria ao estrangeiro em doce acolhimento, acenando-nos a todos para um futuro bonancoso e amplo.

Irmãos do norte! Irmãos do sul, ami-

gos! unamo-nos em torno da nossa bandeira; que os elos que nos ligam se não dessoldem nunca, para que seja grande a sua gloria e poderosa a sua Força!





A nossa língua

A NOSSA LINGUA



O tempo tem desfeito na minha memoria impressões de todo o genero ; mas nunca teve força para delir-me na lembrança a figura majestosa de um grande velho, cujas barbas luminosas eram como fios de neve em que batesse o luar, e em cujos olhos a intelligencia irradiava com extraordinaria magnificenciã. Era um lindo homem, robusto, de elevadissima estatura, de espaldas largas, gesto amplo e voz sonora.

Quando elle falava, todos o ouviam com recolhimento, como se pelos seus labios humanos passassem sopros divinos.

Um dia elle entrou em nossa aula, sentou-se no lugar do filho, que era o nosso

mestre, e espalhou por sobre as cabeças dos alumnos o seu olhar vasto e bondoso.

Queria assistir ás lições, ouviu tudo com interesse; no fim disse, com uma dicção clara e perfeita, como se saboreasse as palavras ao articulal-as :

— Meus amigos, venho de longe, da minha villa á margem do Parahyba, para visitar-vos, e é bem provavel que não nos tornemos a vêr...

« Fui mestre do vosso mestre e quero a seu lado repetir-vos palavras que muitas vezes lhe disse, quando elle tinha assim a vossa idade. Não era uma lição, era uma supplica, a mesma que vos dirijo agora com igual esperanza : — estudae a nossa lingua, estudae-a com ardor, com enthusiasmo, que tanto mais a amareis quanto melhor a conhecerdes, tão doces e surprehendedentes são os seus segredos! Notae bem isto : entre todas as coisas que sabemos, a nossa lingua é a que devemos saber melhor, porque ella é a melhor parte de nós mesmos, é a nossa tradição, o vehiculo do nosso pensamento, a nossa patria e o melhor

elemento da nossa raça e da nossa nacionalidade.

« Para nosso orgulho, basta-nos lembrar que nenhuma outra lingua ha de tão nobre estructura! De sonoridades variadissimas, opulenta nos seus vocabulos, maleavel como a cêra ou dura como o diamante, a lingua portugueza é a mais bella expressão da intelligencia humana. Defendei-a! Não deixeis que outras a invadam e a deturpem. Não deixeis que a viciem e lhe cosam remendos aos trajes magnificos. Ella não quer esmolos, não precisa de esmolos, é a mais rica e tem orgulho de o ser! Defendei-a até ao extremo, até á morte, como um filho defende a mulher de que nasceu. Defendei-a a todo o transe, apaixonadamente, custe o que custar!

« Na mocidade, nos dias que vêm perto, apercebei-vos de bons livros : lêde classicos.

« Falar bem a lingua materna, não é uma prenda, é um dever. Cumpri-o. »

Formidavel de energia, o grande velho irradiava claridades. Tudo nelle brilhava :

as barbas de prata fluida, sacudidas pelos gestos, e o fulgor dos olhos remoçados pela commoção. A sua voz vibrava como a de um sino no alto de uma torre.

.....

Passaram-se tantos annos, e eu ainda sinto essa voz clara e portentosa affirmar aos meus ouvidos :

— *Falar bem a propria lingua, não é uma prenda, é um dever !*



MINHA MÃE



(Do caderno de Henrique)

« Quando olho para minha mãe e penso que os seus braços débeis me sustentaram sempre sem desfallecimentos; que nos seus seios suguei e hauri toda a força da vida que me anima; que as suas palpebras nunca se fecham sem que a minha imagem e a de meus irmãos fiquem guardadas nas suas pupillas amorosas; que nunca suspirei sem que o meu suspiro deixasse de penetrar até ao fundo da sua alma radiante; que nunca tive uma dôr sem que ella assistisse á minha cabeceira, quer fosse claro dia ou noite escura; que nunca tive uma duvida, que ella não procurasse esclarecer-me, auxiliando-me a comprehender os mestres e a respeitar os homens; quando olho para a

sua frente pallida e me lembro de que o pensamento que avulta e predomina lá dentro é o do bem-estar e o do futuro dos filhos; quando sinto a carícia das suas mãos infatigaveis, ora alisando os cabellos de minhas irmãs, ora cosendo as roupas que nos agasalham, ora espalhando pela casa o beneficio do seu esforço; quando lhe ouço a voz advertindo, aconselhando, perdoando, sinto accender-se-me no coração, como uma estrella, o desejo de ser bom, de ser o que ella quer que eu seja, e fazel-a no mundo a mais feliz das mulheres!



MEU PAE



Ulule a ventania, chova ou faça sol, á hora determinada pelo seu trahalho, meu pae, ésteja forte ou esteja combalido, diz um adeus á familia e sae de casa. Começo a perceber que isso deva ser um sacrificio para elle, que já não é moço e se sujeita a trabalhos demorados e penosos para manter a familia ao abrigo das necessidades... Mas porque me não disse elle pela sua bocca o que só agora me é dado adivinhar? Eu teria espediçado tão ingratamente horas de estudo, se avaliasse o que custavam a meu pae os livros, os papeis, os lapis que me dava e a roupinha asseada com que me apresentava na escola, e o calçado que eu maltratava sem cuidado, tudo adquirido com o suor do seu rosto?

Eu teria desprezado ao almoço o prato de feijão, com o pretexto de já ter comido na vespera a mesma coisa, ou abandonado um pedaço de pão, por não ser do proprio dia? Não! Se não achasse taes alimentos deliciosos, calar-me-ia, ao menos, dando graças áquelle que para eu não ter fome labutava lá fóra desde manhã até ao anoitecer...

Ah! como sou feliz em poder penetrar sózinho na alma grande e nobre d'este amigo unico, que despiria por mim a sua ultima camisa, que se deixaria matar para poupar-me a vida, e que entretanto não cessa de apontar-me rudemente o trabalho, o trabalho a que elle mesmo succumbe, como o unico elemento puro de felicidade na terra!



Meu querido pae.

Rio de Janeiro.

Eram cinco horas da manhã quando hontem entrei com os meus condiscipulos num trem do Corcovado. Os professores, para nos pôrem á vontade, demonstravam muito bom humor. Não ha nada que approxime os alumnos dos mestres como a alegria! O proprio director parecia ter deixado fechada num dos armarios da bibliotheca a severidade, que o faz tão respeitado de nós todos, para nos apparecer como um irmão mais velho, sem constrangimento. Tomei a liberdade de lhe dar uma flôr silvestre, que elle poz logo na lapella. Era uma d'essas flôres da Quaresma, de um róiço violento e brilhante, que são a gloria da nossa floresta nos mezes de Março e de Abril.

Desde o valle poetico das Laranjeiras, onde tomámos o trem, até o alto das Pai-

neiras, as nossas exclamações de entusiasmo e de alegria explodiam ante as bellezas da estrada. Em Paineiras fizemos uma estação de tres horas, que passaram como tres minutos, subindo depois ao cume da montanha. Que maravilha, meu pae! Não tentarei descrever-lhe o que se vê lá do alto, porque nem isso caberia numa simples carta, nem a minha inexperiencia me permittiria dar-lhe uma vaga idéa de semêlhante espectáculo. Baste que lhe diga que esta carta é um desabafo das minhas impressões; acostumado como estou a confiar-lh'as todas, não saberia guardar estas para mim só.

No embevecimento do assombro, eu não ousava falar, contemplando attonito tantas maravilhas. Percebendo a minha commoção, o director pôsou-me a mão no hombro e disse :

— « Toda esta terra que vemos, matizada por culturas differentes, era ha quatrocentos annos matto cerrado, aridas restingas, pantanos e tijucaes. O homem que então subisse a estas alturas só veria neste quadro, o mais bello do mundo, a pujança da natureza selvagem !

As aguas do Atlantico extendiam-se para o mysterio de um horizonte desconhecido, e por entre a mattaria e as arvores seculares, as cobras e as flechas indigenas silvavam mortiferamente. Foram precisos incalculaveis sacrificios para formar isso que ahi está em baixo e que é producto do homem civilisado. Olha : aquelle casa-rão branco,



Caminho de ferro do Corcovado.

acolá, é um asylo que dá pão, roupa e ensino a centenas de crianças pobres... Aquelle edificio além é o hospicio dos doidos, feito para attenuar e curar o peor dos soffrimentos... Acolá é um cemiterio, onde a pie-

dade espargue flôres, e cruces abrem os braços numa bençã tranquillã. Lá em baixo, no sopé do Pão de Assucar, é a Escola Militar, que apercebe a mocidade para a defeza da patria; aquelle grande edificio quadrangular é o Instituto dos Cegos, que nelle aprendem officios, artes e sciencias que os distrahem da sua infelicidade... Como o Instituto dos Cegos ha o dos Surdos-Mudos, e o Instituto Pasteur, que salva de uma morte horrenda creaturas atacadas pela raiva. Em todos os bairros da cidade ha collegios, hospitaes, asylos, estabelecimentos de sciencias, de artes, de amparo, onde velhos, enfermos e crianças recebem beneficio e instrucção, sem saber de quem.

A humanidade é boa...

Como vés, o Rio de Janeiro é uma grande capital, a mais bella do mundo pela sua posição topographica e uma das mais pacificas, porque é uma das que mais trabalham. Toda a sua superficie, para mais de mil oitocentos e noventa e dois kilometros quadrados, com mais de setenta mil casas, e cortada de trilhos e de ruas onde o povo, simples e sociavel, labuta vigorosamente. Olha

para a sua bahia... observa-lhe a belleza sem rival! Tem umas quarenta e cinco milhas, mais ou menos... Nella tremulam bandeiras de todas as nacionalidades. Na



RIO DE JANEIRO. — Entrada da Barra.

Guanabara ha ilhas que são como canteiros em jardins, outras habitadas e grandes, como a do Governador, que é a maior, a de Paquetá, a das Cobras, a do Bom-Jesus, com o Asylo dos Invalidos da Patria, e muitas, muitas outras... D'este lado o mar infinito... os pharóes... as fortalezas... d'este outro as

serras... os valles... os campos... e em toda a parte apparecendo e manifestando-se o valor do homem ! Aqui, a locomotiva rasga a terra, fura os montes, leva para deante a civilisação que tudo aperfeiçoa... Além, lá no horizonte, que já não é mysterioso, um transatlantico arfa em demanda do nosso porto...

Com este céu azul, tão illuminado, com este mar e um porto tão franco e tão bello, com estas montanhas de tão phantasticos recortes e tão lindas côres, este canto do mundo tem o direito de se julgar privilegiado de Deus ! Se Mem de Sá resuscitasse agora e olhasse d'aqui para esta cidade coalhada de chaminés de fabricas, de torres de egrejas, de telhados de asylos e de hospitaes não te parece que deveria ficar contente?... »

Sim, parecia-me ; e nunca a cidade se me afigurou tão grandiosa, nem a sua alma tão perfeita, como á clara luz d'aquelle dia inolvidavel, em que só tive um pezar : o de o não abraçar, meu querido pae !

Seu filho

Anthero.

A POBRE CEGA



Na cidade da Victoria, no Espirito Santo, havia uma ceguinha que, por ser muito amiga de crianças, ia todos os dias sentar-se perto de uma escola, num caminho ensombrado por bambús. Entretinha-se alli ouvindo as conversas da pequenada que subia para as aulas.

As auras do mar vinham de longe queimar-lhe o rosto trigueiro. Immoavel, com o cajado nas mãos pequenas, ella imaginava quanto os rapazinhos deveriam estar pimpões dentro das suas roupinhas bem lavadas, e ria-se quando, a qualquer ameaça ou repelão de um dos mais velhos, os pequenos gritavam :

— Eu vou dizer a mamãe!

E havia sempre um còro de gargalhadas, a que se juntava uma voz lamurienta.

Um dia, dois dos estudantes mais velhos, já homenzinhos, desciam para o collegio quando verificaram ser ainda muito cedo, e sentaram-se tambem numas pedras, a pequena distancia da mendiga. O dever da pontualidade, que não deve ser esquecido em nenhum caso da vida, aconselhou-os a ficarem alli até á hora fixada pelo mestre para a entrada na escola. Entretanto, para não perderem tempo, repassaram os olhos pela licção, lendo alto, cada um por sua vez, o extracto que tinham feito em casa, de uma pagina da Historia do Brasil.

A cega, satisfeita por aquella inesperada diversão, abriu os ouvidos á voz clara de um dos meninos, que dizia assim :

« A civilisação adoça os costumes e tem por objectivo tornar os homens melhores, disse-me hontem o meu professor, obrigando-me a reflectir sobre o que somos agora e o que eram os selvagens antes do descobrimento do Brasil. Eu estudei historia como um papagaio, sem penetrar nas suas idéas,

levado só por palavras. Vou meditar sobre muita coisa do que li. Que eram os selvagens, ou os indios, como impropriamente os chamamos? Homens impetuosos, guerreiros com instinctos de animal feroz. Entregues



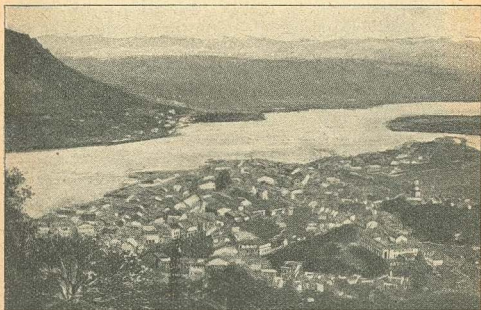
VICTORIA. — Caes de desembarque.

absolutamente á natureza, de que tudo sugavam e a que por modo algum procuravam nutrir e auxiliar, estavam sujeitos ás maiores privações ; bastando que houvesse uma secca, ou que os animaes emigrassem para longe das suas tabas, para soffrerem os horrores da fome. Sem cuidar da terra e sem amor ao lar, abandonavam as suas

aldeias, poucos annos habitadas, e que ficavam pobres *tapéras* sem um unico indicio de saudade d'aquelles a quem agasalharam! Ellas ficavam mudas, com os seus telhados de palma apodrecidos, sem ninhos, sem aves, que as flechas assassinas tinham espantado, sem flôres, sem o minimo vestigio do carinho que temos por tudo que nos rodeia. Abandonando as tabas, que por um par de annos os tinham abrigado, os donos iam plantar mais longe novos arraiaes. Os homens marchavam na frente, com o arco prompto para matar, e as mulheres iam atraz, vergadas ao peso das redes, dos filhos pequenos e dos utensilios de barro de uso domestico. O indio vivia para a morte; era anthropophago, não por gula, mas por vingança.

Desafiava o perigo, embriagava-se com sangue e desconhecia a caridade. As mulheres eram como escravas, submissas, mas egualmente sanguinarias. Não seriam muito feios se não achatassem os narizes e não deformassem a bocca, furando os beiços. Além da guerra e da caça, entretinham-se

tecendo as suas redes, bolsas, cordas de algodão e de embira, e polindo machados de pedra com que cortavam lenha. Quero crer que as melhores horas da sua vida seriam passadas nestas ultimas occupações.



VICTORIA. — Vista do porto.

Que alegria invade o meu espirito quando penso na felicidade de ter nascido quatrocentos annos depois d'esse tempo, em que o homem era uma fera, indigno da terra que devastava, e como estremeço de gratidão pelas multidões que vieram redimir essa terra, cavando-a com a sua ambição,

regando-a com o seu sangue, salvando-a com a sua cruz!

Graças a ellas, agora, em vez de devastar, cultivamos, e soccorremo-nos e amamos uns aos outros!

Pedro Alvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, Frei Henrique de Coimbra, vivei eternamente no bronze agradecido, com que no Rio de Janeiro vos personificou o mestre dos esculptores brasileiros! »

Vinham já os outros rapazes muito apressados a caminho da escola. A cega calculou pelas vozes o typo e a estatura de cada um, e, quando já se perdia ao longe o rumor dos passos da maior parte d'elles, sentiu, como nos outros dias, cair-lhe devagarinho no collo uma laranja e um pedaço de pão.

Nenhuma palavra costumava acompanhar aquella dadiva, mas uma corridinha leve denunciou, como das outras vezes, o fugitivo, o Chico, que, não tendo nunca dinheiro para dar á pobrezinha, dava-lhe a sua merenda!



RIO DE JANEIRO. — Monumento commemorativo da descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

Nesse dia as crianças voltaram immediatamente do collegio : o professor adoecera e não havia aula. Sentindo-os, a cega levantou o bastão para que parassem e perguntou :

— Como se chama o menino que todos os dias me mata a fome, dando-me a sua merenda?

Ninguém respondeu. Como a pobre renovasse a pergunta, Chico fugiu envergonhado. Reconhecendo-o pela bulha dos passinhos rapidos, a mendiga exclamou :

— É aquelle que fugiu ! Tragam-m'ó cá ; quero beijar-lhe as mãos !

Alcançado pelos collegas, Chico retrocedeu, vermelho como uma pitanga, e deixou-se abraçar pela mendiga, que lhe passava os dedos pelo rosto, procurando adivinhar-lhe as feições.

Familiarisados com ella, os meninos perguntaram-lhe :

- Vocemecê não vê nada, nada?
- Nada.
- Já nasceu assim?
- Não...

— Como foi?

— Coitadinha...

As perguntas das crianças não a humilhavam, porque ella já as tinha por amigas.

— Querem saber como fiquei cega?

Escutem : Quando eu era moça, morava em frente á casa de uma viuva carregada de filhos. Uma noite acordei ouvindo gritos. — Soccorro, soccorro! pediam em brados. Levantei-me á pressa, vesti-me não sei como, e fui á janella. Da casa fronteira saíam chammas e grandes novellos de fumo; na rua, a dona da casa, gritando sempre, aconchegava os filhos ao peito. De repente deu um grito agudissimo : faltava um dos filhos mais moços — o Manoel!

A desgraçada quiz atirar-se ás chammas, mas as crianças agrupavam-se todas agarradas á sua saia; então eu atravessei correndo a rua, e de um pulo trouxe para fóra o menino, já meio tonto e pallido como um morto. Não me lembro senão do calor do fogo que me cercava por todos os lados, da fumaça que me opprimia e da dôr horrivel que senti nos olhos, quando, á rajada

fria da noite, entreguei na rua o filho á mãe.

Ella gritou radiante : — Está salvo! e eu pensei com amargura : — Estou cega...

— E essa familia ? inquiriu um dos meninos.

— Era pobre tambem. Nem sei onde pára...

— Sei eu! respondeu um dos pequenos; essa familia é a minha ! A criança que a senhora salvou é hoje um homem trabalhador e que ha de protegê-la. É meu pae.

Uma hora depois a velha cega entrava para sempre em casa do Chico, onde lhe deram o melhor leito e a trataram sempre com o mais doce carinho, provando assim que muita razão tinha o mestre fazendo vêr ao discipulo quanto a civilisação adoça os caracterès e torna os homens bons!



O THESOURO

+ +

A uns dois kilometros de Nitheroy existe ainda, num recanto de praia, a casa do Angelo, soldado invalido, e que alli viveu largo tempo com a neta, a sua Margarida. Nesses dias de paz, sem receios de accender cobiças, costumava elle dizer, acariciando as cicatrizes do rosto murcho :

— Neste mundo ninguem tem um thesouro igual ao meu...

Como elle fosse pobre, julgavam que alludisse naquelles dizeres á neta, unica pessoa da familia que lhe restava. Realmente, Magarida era tão bôa e tão alegre que só o ouvir-lhe a voz, quando cantava, fazia bem ao coração!

A casa era pequena, com um pomar á esquerda, a frente para a estrada e os fundos para o mar.

Uma noite, dois malfeitores approximaram-se cautelosamente da residencia do soldado e quedaram-se á espreita, protegidos pelas arvores. Por certo ambicionavam o thesouro do Angelo.

Pela janella aberta viam todo o interior da salinha pobre, onde alvejava a toalha feita e lavada pelas mãos laboriosas de Margarida.

Angelo fumava o seu cachimbo; a moça ia e vinha, preparando o matte e a mesa. Quando acabou, o avô ordenou-lhe :

— Vem cantar os meus versos...

Margarida despendurou o violão, e, toda contente, veio sentar-se perto do avô, sem suspeitar que do meio da treva dois bandidos olhavam com avidez para a prateleira de um armario sem portas, onde se alinhavam vinte e um saquinhos de panno branco.

— Aquelles saccos estão cheios de ouro! pensavam entre si os ladrões.

Entretanto, Margarida cantava :

À sombra das carnaúbeiras
Nasci nas bandas do Norte,
E o rigor do clima ardente
Tornou-me um caboclo forte.

Casei-me por duas vezes...
Faça o mesmo quem poder :
Primeiro com minha Terra
Depois com minha mulher.

Da primeira fui soldado
E da segunda marido ;
Não sei qual tenha das duas
Com mais extremos querido.

Soldado, bati-me sempre
Por este Brasil inteiro ;
Não sei se é do Sul ou Norte
Um coração brasileiro.

De norte a sul combatendo,
Porque a Pátria era só uma,
Andei por serras e campos
E praias cheias de espuma.

De cada terra em que estive,
Das que este Brasil encerra,
E que defendi com sangue,
Trouxe um punhado de terra.

Guardei-a como a lembrança
De mais valor e mais pura;
E ha de minha neta um dia
Pôl-a em minha sepultura.

Terra das terras da Patria,
Que amei nesta vida breve,
Sobre o corpo do soldado
Sêde bem leve, bem leve!...

A voz argentina de Margarida, o velho Angelo revia as paizagens agrestes dos sertões, as suas viagens por montes e valles atravez todo o Brasil, pelo qual combatera com tamanho denodo!

Aquellas terras eram membros do mesmo corpo : não decepassem um unico, para que o gigante não ficasse defeituoso!

As immensas serras azues... os longos prados cortados d'aguas frescas... as palmeiras nas praias arenosas... os campana-

rios de villas cercadas de matto... tudo o soldado revia como num sonho!

Quando a neta abafou o ultimo accorde no violão, Angelo tinha os olhos rasos d'agua...

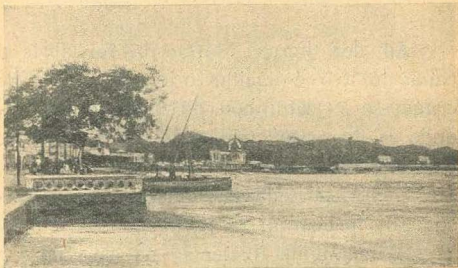
..

As dez horas Margaridã foi abrir a cama do avô e ageitar o travesseiro. Elle ergueu-se e caminhou direito á prateleira, onde se demorou apalpando os saquinhos, cuidadosamente.

— Lá está elle examinando o seu thesouro!... pensaram os ladrões.

Á meia noite o silencio na casa do soldado era absoluto. Fóra, cantavam grillos no pomar e as ondas gemiam na praia, monotonamente. Os dois ladrões approximaram-se e abriram a porta quasi sem ruido, favorecidos pela bulha do mar.. Um dos ladrões ficou fóra, de sentinella; só o mais moço entrou na salinha deserta. Com elle entrou o luar, azul, muito claro, que foi dar de chapa no velho armario onde Angelo guardava o seu thesouro. O bandido

estendeu logo para elle as mãos criminosas, numa ancia de posse. Ia emfim tocar num d'esses saccos de ouro, que o velho militar escondia tão mal! O luar favorecia-o. Dir-se-ia que Deus o ajudava. Sem poder conter a



NITERÓY. — Caes de desembarque.

sua curiosidade, o bandido desatou o primeiro sacco e mergulhou nelle os dedos para tactear as moedas. Só encontrou terra!... Abriu o segundo... terra! Desatou já phreneticamente o terceiro... terra! Desesperado, abriu o quarto... o quinto... terra! em todos terra, terra, sempre terra!

Então uma idéa atravessou-lhe o espi-

rito. Suppoz que entre a argilla, o barro ou o saibro, estivessem occultas pedras preciosas; sobraçou então uma quantidade de saquinhos; averiguaria lá fóra com o outro companheiro e voltaria pelo resto depois... Ao voltar-se, porém, estremeceu dando de rosto com o velho soldado, cuja espada rutilava ao forte clarão da lua.

O bandido caíu de joelhos, tal a energia com que Angelo lhe cortava os passos com a lamina immovel do sabre, ao mesmo tempo que dizia :

— Ajoelha-te, miseravel, e beija a terra que tens nas mãos, que é a terra da patria!

Bem avisára a Margarida na canção do soldado :

De norte a sul combatendo,
Porque a Patria era só uma,
Andei por serras e campos
E praias cheias de espuma.

De cada terra em que estive,
Das que este Brasil encerra,
E que defendi com sangue,
Trouxe um punhado de terra.

Guardei-a como a lembrança
De mais valor e mais pura,
E ha de minha neta um dia
Pôl-a em minha sepultura.

.....
.....

Margarida cumpriu muito mais tarde a vontade do avô, e sobre a leve terra da patria que o cobre, vicejam rosas que ella cultiva piedosamente !



Minha bôa Olympia

Natal, 9 de Janeiro.

Depois que partiste, quem administra os meus estudos é a nossa querida irmã Alice.

Em obediencia ao bom regimen estabelecido em casa por nossa mamãe, continuo a levantar-me ás seis horas da manhã. Depois de tomar o meu banho frio e de arrumar o meu quarto, visto-me, almoço e saio para o collegio ; antes de sair, porém, examino sempre a bolsa, verificando se está tudo em ordem. Por isso levo sempre bem acondicionados os livros, os cadernos, o lapis, a penna, a tesoura, a borracha e a merenda. Os bons exemplos que recebi de ti e de Alice fazem-me ser cuidadosa e previdente. Percebo que nossos paes estão satisfeitos commigo, e isso basta para fazer a minha felicidade!

Vou sempre muito contente para a escola, e sei porquê ! É porque levo as minhas lições bem sabidas e considero a minha professora como uma amiga a quem a minha presença vai dar prazer.

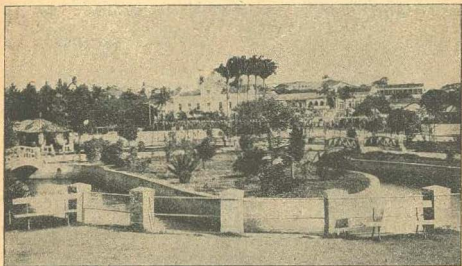


NATAL. — Vista parcial do porto.

E como é paciente a minha professora ! Também por isso todas nós lá no collegio a amamos muito. As vezes é certo que a fazemos exasperar-se... ha crianças tão travessas, tão endiabradas ! Com a sua voz já enrouquecida, ella grita, zanga-se, mas .. nunca a sua mão ameaçou ninguem nem de um beliscão ! A verdade é que bem os mere-

ce mos ás vezes ! Tambem, quando ella faz uma prelecção, é tal o nosso silencio que, ao terminal-a, ella olha para á gente com um d'aquelles seus sorrisos que parecem dizer : — obrigada !

Tive hoje excellentes notas em todas as



NATAL. — Jardim publico.

materias, e por isso voltei radiante para casa, e foi com immenso jubilo que beijei a nossa adorada mãe.

Escrevo-te ás sete horas da noite ; vou fechar esta carta para estudar um pouco, bem sabes que tenho ordem de ir para a cama ás oito horas. A este methodo inal-

teravel que tenho para tudo, é que devo o ter tão boa saúde e tanto socego, e é ainda devido a elle que te posso dizer : empreguei bem o meu dia, estudei, brinquei e vou adormecer com a consciencia tranquillã. Boa noite, minha querida irmã!

Tua

Isaura.



O GRUMETE



O mar arrebetava com furia as suas ondas de encontro ao vapor *Tocantins*, que vinha do Pará com uma preciosa carga de borracha.

A noite approximava-se tenebrosa : o vento passava em uivos, e as nuvens desciam compactas e ameaçadoras. O capitão commandava em altas vozes, fazendo correr os marinheiros, que subiam e desciam dos mastros, recolhendo velas e enrolando cabos.

No meio d'aquelles homens vinha um grumete, menino paraense, de doze annos, magro, tisonado, de olhos ardentes e bocca sympathica. Chamava-se Manoel, era orphão de pae, e lá deixára, no seu querido Pará, a mãe e uma irmã pequena e doentinha.

Quando o pae morreu, o pobre Manoel pensou :

— Preciso de trabalhar para soccorrer minha mãe e miuha irmã; é o meu dever, e hei de cumpril-o.

E tal qual como se fosse já um homem, desembaraçou-se dos seus desejos de estudar, e foi pelas ruas da cidade de Belém em busca de um emprego. Perguntou em varias lojas se precisariam de caixeiro pequeno, perguntou em algumas casas se quereriam um criado, propoz-se a ser engraxate, vendedor de jornaes, aprendiz de algum officio, qualquer coisa, comtanto que podesse com o seu ganho auxiliar a mãe, que lá ficára em casa engommando roupa para fóra, ao lado da filha doente. Mas ninguem precisava dos serviços do bom rapazinho.

Manoel já voltava pensativo e desapontado para o seu canto, quando viu um cartaz annunciando a partida do *Tocantins* e lembrou-se de ir tambem á agencia offerecer os seus prestimos.

Vendo o interesse do menino, que se

mostrava entusiasmado pela vida marítima, aceitaram-n'o para grumete; além de que, não lhe faltaria serviço a bordo.

Nessa mesma tarde Manoel despedia-se da mãe, consolando-a : « Não chore, minha



ESTADO DO PARÁ. — Porto de Belém.

mãe; vou trabalhar para a felicidade de nós todos! Hei de voltar forte e com algum dinheiro para a nossa doentinha! »

— Deus te abençõe, meu filho! respondeu-lhe a mãe. O que me anima é que és bom nadador; mas, tem cautela! Eu fico rezando por ti!

Quando Manoel embarcou, olhando de longe para a sua formosa cidade, não pôde conter-se e desatou a chorar. Que seria d'elle, sózinho, cada vez mais afastado dos seus?

Uma voz fraca chamou-o :

— Olá! pequeno, que é isso? então um marinheiro chora quando vae para o mar?

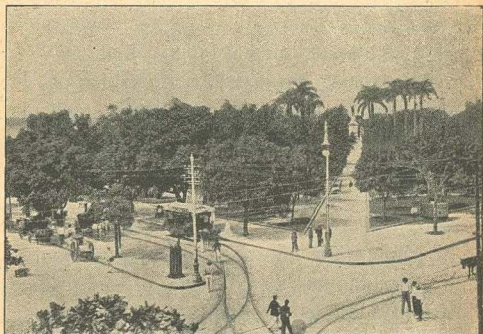
Manoel voltou-se. Era um velho que dizia aquillo. O pobre, paralytico das pernas, ia extendido em uma cadeira de rodas. Os cabellos brancos e as faces mirradas davam-lhe um aspecto de doçura e bondade. Manoel approximou-se e o velho disse-lhe :

— Ouve; guarda as tuas lagrimas para maiores desgraças. Começas cedo a ser homem; precisas de muita coragem.

E assim, com boas palavras, para distrahir Manoel, disse-lhe que vinha do Pará, sem mesmo esperar outro paquete de melhores accomodações, porque estava a morrer com *béri-béri*.

Manoel, por sua vez, contou toda a sua vida ao paralytico.

— Deus ha de ajudar-te, porque és bom. Quando tiveres uma hora vaga, vem ter commigo, que eu te ensinarei, nestes poucos dias, alguma coisa.



BELÉM. — Parque Affonso Penna.

Manoel era experto e captou depressa a sympathia de toda a tripulação. Trabalhava muito; o seu nome era constantemente proferido: Manoel para aqui, Manoel para alli, e Manoel para acolá. Elle acudia sempre, submisso e risonho.

No primeiro momento livre, corria para o lado do velho.

O doente sorria-lhe satisfeito e respondia com prazer a todas as perguntas do bom menino. Elle conhecia bem o Brasil, viajara desde o Amazonas até ao Prata, descrevia assim as nossas florestas, montanhas, bahias, serras e rios, nomeando as producções de cada Estado, incutindo no rapaz amizade por todas as terras do Brasil.

Outras vezes desenrolava nomes e factos historicos deante dos olhos curiosos do rapaz.

Uma tarde falava elle com enthusiasmo do padre Manoel da Nobrega, do seu grande espirito e do seu bonissimo coração, da sua influencia em Mem de Sá, que denominavam o *pae da patria*, e, depois, da sua morte de santo, abençoando esta terra que tanto amou.

— Mas onde foi que elle morreu?

— No Rio de Janeiro; e lá foi enterado.

— E a que ordem pertencia esse padre?

— Era um jesuita, que acompanhara até

aqui, com outros religiosos, o primeiro governador, Thomé de Souza. Os jesuitas trabalharam enormemente na conversão dos indígenas, e fundaram no Brasil grandes collegios.

O padre Nobrega, cabeça pensante entre os da sua ordem, dedicou-se com amor e coragem á civilisação do Brasil. Foi por suggestão sua que se fundou a cidade do Rio de Janeiro, que irás vêr agora.

— Não havia nenhuma capitania no Rio ?

— Não. Em 1555 os francezes estabeleceram-se na formosa bahia de Guanabara e ahi permaneceram por alguns annos, negociando em páo-brasil, como já faziam os portuguezes, que, por se entregarem a esse commercio, eram chamados no Reino — brasileiros; até que, a 20 de Janeiro de 1567, Mem de Sá os expulsou definitivamente, morrendo nesse ataque o seu sobrinho Estacio de Sá. Mas tudo isso se fez por influencia do grande padre Manoel da Nobrega. Houve um outro jesuita de enorme merecimento tambem, e cuja historia te contarei.

— Como se chamava?

— José de Anchieta...

Nesse instante um forte trovão abalou os ares, e o vento, redobrando de furia, sacudiu o vapor com brutalidade.

Manoel correu, obedecendo á voz do commando, e ajudou intrepidamente a marinhagem. Mas os esforços eram inuteis. A lucta durou muito, até que o vapor, vencido, com os mastros partidos, começou a afundar-se!

— Minha mãe reza por mim! pensou Manoel; e não esmoreceu. A noite caíu, negra, pavorosa, e ouviu-se a voz do capitão gritar:

— Salve-se quem poder!

Sentiu-se depois o baque dos corpos lançando-se á agua e os rangidos da madeira que se desconjunctava e partia.

Entretanto, as ondas abaixaram-se, mas a escuridão era completa.

— E o paralytico? pensou Manoel. Quem lhe valerá?

— Senhor André! gritou o bom menino com toda a força dos seus pulmões.

Ninguém lhe respondeu; mas o Manoel gritou outra vez, com mais força ainda:

— Senhor André! Senhor André!

— Estou aqui... respondeu-lhe uma voz fraca e assustada.

— Mas aqui, onde?! não vejo nada! quero salvá-lo!

— Salva-te sózinho... Manoel!

— Não!... Não ha perigo. Minha mãe reza por mim!

— Salva-te... e que Deus te proteja!

— Não! Quero salvá-lo também; venha! E, como um louco, Manoel arrastava-se pelo tombadilho do vapor já muito adernado e meio submerso.

— Não! bom rapaz!... tu não poderás commigo, eu serei um empecilho... serei a causa da tua morte...

— Minha mãe reza por mim! salvar-nos-emos juntos!

Tacteando sempre, Manoel encontrou os braços tremulos do velho, que, apesar das suas palavras, procurava instinctivamente o apoio do menino.

— Bem! agora deixe-se escorregar...

assim... enfie os dedos pelos buracos d'esta táboa... feche os olhos... não tenha medo!... vamos!...

E caíram na agua. Foram logo ao fundo, tornaram a subir, e Manoel, afflictissimo, divisou a pequena distancia a luz vermelha de uma lanterna. Gritou por socorro, arrastando o velho comsigo. Uma barca recolhia os naufragos e mandou um escaler depressa em direcção ás vozes. Ouviasse, pavorosamente, a bulha dos remos na agua escura e fria...

Horas depois, recolhidos a bordo da barca e agasalhados, Manoel ouvia do bom velho esta promessa, que foi rigorosamente cumprida :

— Foste um heróe! devo-te a minha vida, e, a bem da tua, como sou rico, faço-te meu pupillo.

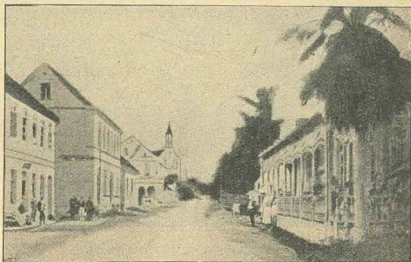
Manoel voltou para o Pará e as suas primeiras palavras ao vêr a mãe foram estas :

— Minha mãe! Deus ouviu as suas orações!

Minha Isaura.

Florianopolis, 25 de Janeiro.

Já é uma boa coisa poder uma pessoa dizer, como tu me disseste na tua ultima carta : « Vou adormecer com a consciencia



SANTA CATHARINA — Blumenau.

tranquilla ». *Mostras com isso ser cumpridora dos teus deveres. Entretanto, não te deves orgulhar d'essa qualidade, porque toda a gente deve ser assim ; os que o não são,*

erram em seu prejuizo, pois que a falta de methodo e de ordem acarreta sempre grandes dissabores.

Conheço agora aqui, na nossa querida



SANTA CATHARINA. — Florianopolis.

Florianopolis, uma menina da tua idade, que passa as horas do dia procurando as coisas que perde ou não sabe onde pôe. A mãe ralha, o pae exaspera-se, e a pobre, cada vez mais attribulada, confunde tudo, esquece-se dos factos mais simples e fica mal humo-

rada, chorosa e impertinente. Com o espirito cansado por admoestações repetidas, ninguém pôde comprehender bem os livros. É preciso ser methodica e estudar com calma e attenção, para não perder inutilmente o



SANTA CATHARINA. — Joinville.

tempo. A vida é tão curta e as horas fogem tão ligeiras ! Devemos aproveitá-las bem. Quero ver se com doçura modifico a educação d'esta criança, para que ella mais tarde possa dizer como tu :

« Vou sempre contente para a escola, porque levo as minhas lições bem sabidas e porque considero a minha professora como

uma amiga a quem a minha presença vai dar prazer. »

E, fica certa, dá sempre alegria aos mestres a presença das discipulas que, não deixando de ser joviaes, são obedientes e estudiosas.

Tua irmã

Olympia.



O SINO DE OURO



Maria Mathilde tinha um sonho : fazer cõstruir rente á bahia de S. Marcos, na sua linda cidade de S. Luiz do Maranhão, uma torre muito alta, muito alta encimada, por um enorme sino de ouro com os nomes de todos os Estados do Brasil formados com pedras preciosas. Quando o sino bada lasse, reboariam na atmosphaera as suas sonoridades acompanhadas pelo rythmo das ondas, e quando os astros o illuminassem rutilaria no espaço esplendidamente.

Mas a velha louca parecia não ter um vintem de seu. Morava num casebre em ruinas, vestia-se de trapos immundos, comia só raizes e hervas do matto, e bebia

agua na concha da mão encarquilhada e ossuda.

Não tinha dinheiro para as necessidades da vida, porque, se lhe davam uma esmola, ella corria a escondel-a para — *o sino de ouro* — e ia illudir a fome com os sobejos atirados pela caridade, ou com um rabo de peixe chupado á porta de um pescador.

Ninguem o sabia, mas o seu colchão estava já tão cheio de moedas que lhe magoava o corpo miseravel, a ponto d'ella preferir estender-se no chão duro, sobre uma esteira esgarçada.

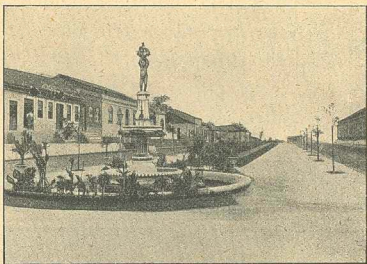
Lá tinha a sua idéa fixa, e para realizal-a seria precisa uma fortuna ! A sua torre de ouro, com um sino carvejado de pedras preciosas, maravilharia o mundo inteiro...

Em casa ou na rua a visionaria falava só, gesticulando, movendo no ar os dedos nodosos, de unhas grandes.

As crianças fugiam atropelladamente ao ver-lhe de longe o busto esguio; os adultos afastavam-se d'aquella immundicie, e ella

passava sem ver ninguém, resmungando :

— Quando o sino de ouro fizer: ba-ba-lahão ! ba-ba-lahão ! ba-ba-lahão ! todo o mundo dirá — É o coração do Brasil que está batendo... Que lindo é e como bate bem !



S. Luiz. — Avenida Silva Maya.

E ella ria-se, sacudindo os longos braços magros, a repetir pelas ruas socegadas : — O coração do Brasil está parado... quero fazel-o palpitar com força... Ba-ba-lahão...

Dão ! Dão !

Uma noite de chuva e de relampagos, Maria Mathilde chegou encharcada e tremendo com o frio da febre á sua choça ;

mas, logo ao entrar, esbarrou com uma pobre rapariga da vizinhança, que se ajoelhou chorando a seus pés.

Qual não foi o seu espanto! Se ninguém a procurava nunca... Uns tinham medo da sua morada de louca, suppunham-na outros feiticeira, bruxa, o diabo em pessoa!



Ella parou no humbral, estarecida; a outra exclamou de mãos postas:

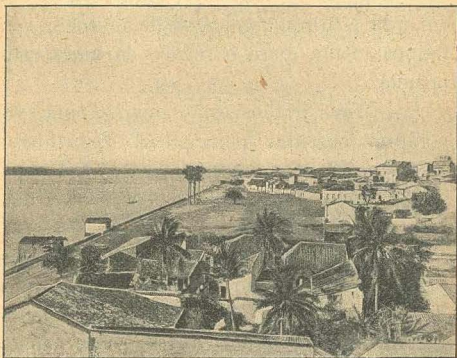
— Maria Mathilde, tem dó de mim! Minha madrasta, aquella má mulher, expulsou-me de casa e aos meus irmãozinhos, que foram mendigar por essas ruas, quasi nós... É por elles que eu choro. Dá-me um philtro, Maria Mathilde, para abrandar o coração de minha madrasta e fazer com que meu pae abra a sua porta aos filhos pequeninos, que são innocentes e estão passando fome, soffrendo frio, com medo do escuro, por essas praias...

Se fôr preciso o meu sangue para salvar os anjinhos, toma-o! Abre-me as veias, aqui tens o meu corpo!

E a moça desnudava-se, offerecendo os pulsos e o collo, supplicemente.

Maria Mathilde, de olhos arregalados, dobrou-se toda sobre a linda cabeça da moça :

— Darás a vida por teus irmãos ?



S. Luiz. — Vista do porto.

— Darei a vida !

— Jura !

— Juro ! aqui me tens, mata-me se para bem d'elles a minha morte fôr precisa. Dizem que és feiticeira, mas o que tu

és é surda! Não prolongues a agonia de meus irmãos, Maria Mathilde! aqui me tens.

A velha considerou a rapariga com espanto; depois, rapidamente, correu ao catre, sumiu as mãos trigueiras nos rasgões da enxerga e atirou punhados de moedas, vertiginosamente, para o regaço da moça estupefacta.

— Teus irmãos estão nús? Toma, vae comprar agasalho para elles! Têm fome? Dá-lhes pão... muito pão... toma! Toma! Toma! Vae para junto d'elles, boa irmã! Vae com Deus!

A moça aparava aquellas moedas inesperadas, num delirio de felicidade; a velha deu-lhe tudo; depois empurrou-a violentamente pela porta fóra, fechou-se por dentro e desatou a chorar.

Como haveria ella agora de comprar o sino de ouro e construir a sua alta torre rutilante? Teria de recommençar pelo primeiro vintem... e as costas doíam-lhe tanto... tanto! Ao menos nessa noite poderia dormir sobre o seu colchão... O que a fazia

tremer eram aquellas cobrinhas de gelo que andavam a passear pela sua espinha... a cabeça estalava-lhe.

Era a febre. Maria Mathilde debateu-se toda a santa noite, com os labios secos, os olhos em fogo, as roupas, ainda alagadas da chuva, unidas aos membros doloridos.

Pela madrugada serenou; e rompia a manhã gloriosa quando ella ouviu a voz dulcissima de um anjo dizer-lhe á cabeceira :

— Construiste esta noite a tua torre e por ella subirás ao céu!

Maria Mathilde atirou para fóra do catre as pernas finas, aconchegou aos rins os molambos da saia, aos hombros os farrapos de um chale e correu anciosa para a praia.

A cidade dormia ainda; só os passarinhos despertavam cantando. No largo mar azul, o sol nascente espelhava uma columna de ouro, tão larga e tão longa que ninguem lhe poderia calcular as dimensões.

No ar voavam gaivotas até além, ás

nuvens de amethystas e de rubis, que engrinaldavam no horizonte a torre deslumbrante. Era a pedraria do sino, que reluzia! Sumindo nella os olhos felizes e fascinados, Maria Mathilde sacudiu os longos braços, gritando victoriosa, antes de cair redondamente, na areia fria :

— *Ba... ba... la-hão!.. Ba... ba-la-hão!...
Dão!... Da... ão!*

Quando a miragem do sol se desfez, já a louca tinha subido pela torre de ouro até ao céu!



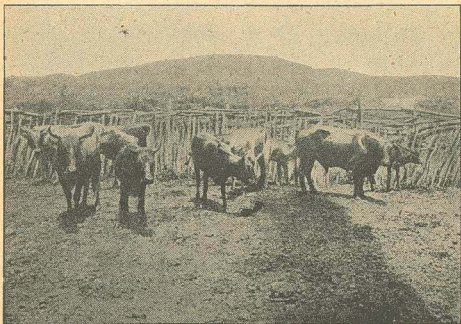
Minha querida irmã.

Therezina, 11 de Maio.

Tens estudado pouco, demonstrando má vontade. Mal sabes a ingratidão que praticas assim fazendo. Vou revelar-te um segredo que te tornará, espero, mais caprichosa d'aqui por deante.

Como estás farta de saber, e ninguém de Therezina ignora, nosso pae não tem recursos e nossa mãe, magra e cansada, é prodigiosa na economia e na ordem com que dirige a sua casa. Observa com attenção essas virtudes, que formarão melhor o teu character de mulher, que todas as palatras que eu escrevesse aqui. Os exemplos de nossa mãe e de nosso pae são lições vivas que não devemos esquecer nunca! Pois bem, a nossa mãe, que é tão rigorosa e tão poupada com tudo que diz respeito á sua

pessoa, e o nosso pae que, sendo tão conhecido em todo o Piauhy, é tão isento de vaidade e se sujeita a tão grandes restricções e a tantos trabalhos, não poupam para a tua instrucção nem um vintem! Elles sujei-



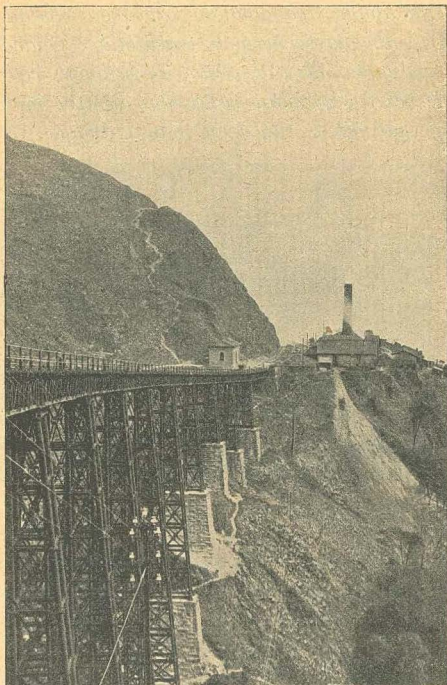
ESTADO DO PIAUHY. — Creação de gado.

tam-se a tudo para que nada te falte a ti! Hontem, e eis aqui o segredo a que alludi, mamãe vendeu o seu último anel, para pagar os teus livros e o teu mestre. Como corresponderás a esse sacrificio, que ella de mais a mais deseja que fique ignorado?

*Estudando, trabalhando com bóa vontade.
O contrario seria uma ingratiidãõ ! Guarda
esta carta na tua pasta de estudos, relê-a
de vez em quando, reflectindo sempre muito
no que diz a tua irmã muito amiga.*

Maria.





Caminho de ferro de Santos; viaducto da Grotta Funda.

AVENTURAS DE ROSINHA



I

— Este trem é o que parte para S. Paulo? perguntou uma menina a um empregado da estação de Santos.

— É, sim. Porquê?

— Já tenho bilhete para ir nelle.

— Sózinha?!

— Sim, senhor.

O homem mirou-a com curiosidade.

Ella não representava ter mais de doze annos; era baixinha, magra, mas com um modo firme, ainda que triste a ponto de fazer dó.

Entrou a pequena para um carro de segunda classe, ageitou a sua trouxinha embaixo do banco, e quando o trem partiu

limpou as lagrimas que lhe corriam em fio pelas faces descoradas.

No trem iam muitos immigrants italianos, desembarcados nesse mesmo dia de um grande vapor transatlantico.

Por fortuna, sentou-se ao lado da pobre menina uma senhora sympathica e risonha, que tratou logo de a consolar.

— Como é que você se chama, minha filha? perguntou-lhe ella.

A menina respondeu :

— Chamo-me Rosa.

— Não tem paes?

— Não, senhora; sou orphã... vivi sempre com minha irmã mais moça, em companhia de minha avó. Esta, emquanto pôde, trabalhou com coragem, obrigando-nos a ir á escola todos os dias; de modo que sei alguma coisa e estou habilitada a ganhar a vida. Minha irmã ajudará vovó nos serviços domesticos, e eu mandar-lhes-ei de S. Paulo os meus ordenados. Serei caixeira ou florista, ou ama secca, qualquer coisa... Só do que eu tenho medo é da primeira noite.

— Se eu morasse em S. Paulo, você ficaria em minha casa até achar rumo... mas eu sigo para Campinas. Tenha força de vontade e não desanime.

Quando chegaram á cidade de S. Paulo,



SÃO PAULO. — Rua Direita.

era já noite e fazia frio. Passava-se isto em Julho. Rosa pegou na sua trouxa e saiu para a rua, aconchegando ao corpo o seu chalinho de algodão já muito desbotado. Seguindo sempre os trilhos dos *bonds*, foi ter ao centro da cidade, onde caminhou muito, até que, já exausta, sentou-se nos

degraus da egreja da Sé. Havia *garóa*, e o nevoeiro era tão espesso que só no dia seguinte foi vista a pobrezinha, adormecida na escada de pedra, com a sua trouxinha sob a cabeça.

Um policia foi acordal-a e, notando que ella ardia em febre, levou-a num carro para a Misericordia.

II

A Irmã Assumpção deitou Rosinha em uma cama muito limpa, deu-lhe um calmante, e sentou-se ao lado do leito. O medico foi vêl-a e disse que se tratava de uma pneumonia. Quando a doente teve conhecimento de tudo, já se haviam passado muitas horas. Resignou-se e tratou de obedecer ás enfermeiras e ao medico, para recuperar bem depressa a saúde.

Quando entrou em convalescença, a bôa menina ajudava a Irmã Assumpção a serzir a roupa dos doentes e a cuidar de uma velha impertinente que dormia na mesma enfermaria.

Chegou o dia em que lhe deram alta. A Irmã Assumpção acompanhou Rosinha até a porta e, despedindo-se d'ella, disse-lhe com meiguice :



SÃO PAULO. — Jardim publico.

— Se não achares onde dormir, volta, que te darei a minha cama.

III

Deixando o hospital, Rosinha foi andando, foi andando, e tinha já atravessado muitas ruas bonitas, quando viu reluzir na

calçada uma pulseira de ouro cravejada de brilhantes riquissimos.

A menina ergueu a joia e pensou logo em restituil-a á dona. Mas quem seria a dona? De um lado e de outro da rua alinhavam-se predios elegantes e ella bateu em todos, perguntando :

— Teria alguém d'esta casa perdido uma joia de valor?

— Não... respondiam todos.

Sentindo-se muito fatigada, Rosinha sentou-se ao portão de um bello jardim, mas, mal pousara a sua trouxa, ouviu a voz do jardineiro gritando-lhe furioso :

— Que quer você ahi ? Saia ! Vá trabalhar !

— Desculpe... murmurou Rôsinha, envergonhada, saí hoje do hospital e estou muito fraca... Eu vou-me embora...

Nesse instante chegou de fóra a dona da casa e, sabendo do occorrido, disse bondosamente :

— Entra; vae descansar lá dentro... Vem commigo.

Antes de entrar, Rosinha perguntou :

— A senhora não teria perdido uma joia?

— Sim! perdi uma pulseira cravejada de brilhantes e estou muito impressionada, porque era um mimo de minha mãe!

— Será esta? disse Rosinha muito contente, mostrando-lhe a pulseira que tinha encontrado na rua.

— Que fortuna! é esta mesmo!...

E a senhora, radiante de alegria, beijou Rosinha.

IV

Entraram em uma grande sala, onde estavam muitas crianças; umas brincavam, outras, já mais velhas, estudavam perto de uma mesa.

Em pé, com a sua trouxinha na mão, Rosinha esperava ordem para sentar-se. Nunca ella vira tantos objectos bonitos assim reunidos: quadros originaes dos nossos melhores pintores, tapetes, mobílias bellissimas, trabalhadas na propria cidade, cuja riqueza e gosto a atordoavam. Ah!

S. Paulo era realmente uma cidade esplendida! pensava a pobrezinha, encolhendo-se na sua humildade.

De repente uma das crianças menores, tropeçando numa cadeira, caiu de bruços e magoou-se nos beiços. Rosa acudiu e consolou a criança, que mesmo por entre lagrimas sorriu para ella.

Um dos estudantes, o mais pequeno, morto por ir gozar as delicias do balanço no jardim, á beira do Tietê, revoltava-se contra a difficuldade dos problemas que lhe deixara o professor. Que doçura haveria lá fóra na agua arrepiada por aquella aragem fria que o incitava a correr como seu cão negro, o formoso Zulú!

Voltando-se para o irmão, elle pediu-lhe que o auxiliasse. Ah! mas o irmão morria tambem por fugir d'aquella sala cheia de livros e respondeu-lhe zombeteiramente:

— Pede á Rosa que te ensine!...

O pequeno voltou para a menina um olhar supplice; ella avançou com um sorriso, e pegando no lapis explicou com a maior facilidade o problema.

Olhavam todos, attonitos, para aquella menina que assim demonstrava a sua applicação. Quando ella acabou de falar a dona da casa exclamou com enthusiasmo :

— Já não te deixarei saír d'aqui. Quando me restituiste a pulseira, vi que



ESTADO DE SÃO PAULO. — Fazenda modelo.

eras uma menina honrada ; na maneira porque acudiste a meu filhinho, mostraste a tua meiguice, e agora acabas de revelar grande amor ao estudo. Serás uma excellente companheira para meus filhos, e como filha serás tratada. Abraça-me.

Dias depois, Rosinha mandava de

S. Paulo fartos recursos para a sua avózinha, e escrevia-lhe, molhando a carta com lagrimas de alegria :

« Conte com um bom amparo, porque encontrei uma excellente mãe ! »



O PRETO VELHO



A chuva começava a cair em pingos grossos, pesados, que empolavam a terra, arrancando-lhe do seio fortes exalações. Morávamos no Recife.

Eu e minhas duas irmãs, Cecilia e Maria, estávamos á janella, olhando para os bandos de urubús, que fugiam nos ares com medo da tempestade. Minha mãe cosia no interior da sala, e meu pae lia a seu lado. Caíu a tarde rapidamente.

Seguíamos assim distrahidos o vôo das aves, quando minha irmã mais velha, baixando o olhar para a rua silenciosa, exclamou :

— Meu Deus ! aquelle pobre velho vae rolar nas pedras !

Olhámos, e vimos um preto esfarrapado cambaleiar e cair na calçada.

— Coitado! disse Maria, o pobrezinho morre!

— Qual! respondi eu desdenhosamente; elle está bebe...

Não concluí a phrase, porque meu pae, attrahido pelas piedosas exclamações de minhas irmãs, estava já á janella, dardejando um olhar zangado sobre mim.

— Vae, João disse-me elle, desce á rua soccorre aquelle infeliz, seja elle quem fôr e o que fôr. Não faças máo juizo de ninguem!

Corri. A chuva augmentava; curvei-me, chamei o velho, sacudi-o; mas o desgraçado nem abria os olhos! Meu pae deixou-me estar alli ajoelhado por alguns minutos e mandou depois recolher o velho ao vestibulo da nossa casa. Desceu então para alli toda a familia. Meu pae percebeu logo que se tratava de uma syncope, e tacteava o pulso do doente; minha mãe molhava-lhe o peito e as fontes com pannos embebidos em agua sedativa; Cecilia mettia-lhe

colherinhas de vinho fino pela bocca, e até a pequena Maria procurava auxiliar os outros! Passado algum tempo, o pobre recobrou os sentidos e confessou estar morrendo de fome e de frio! Cecilia correu a



PERNAMBUCO. — O Recife.

buscar um prato de sopa e meu pae mandou-me procurar um cobertor.

Estava já o preto quente e confortado, quando bateram com força á porta; elle então estremeceu, balbuciando: — Estou perdido!

De facto, entraram dois soldados que o

procuravam, dizendo que esse preto velho era um preso evadido da cadeia do Recife. O pobre caíra de extenuado.

Todos nós tremíamos, mas nenhum afrouxou nos seus cuidados. Meu pae pe-



RECIFE. — Ponte Buarque Macedo.

diu em voz baixa aos soldados que não declarassem ao pé de nós qual fôra o crime d'aquelle homem. Minha mãe dava ao infeliz conselhos de submissão e paciencia; e, assim, o velho entregou-se resolutamente aos soldados.

A hora da saída, Maria, que é a mais pequena e a mais curiosa de nós todos, perguntou ao preso, furtivamente :

— Como se chama você?



PERNAMBUCO. — Panorama de S. José.

— Henrique Dias, balbuciu elle cabisbaixo.

Saíram; è meu pae, voltando-se para nós, perguntou, querendo desmanchar a impressão de tristeza deixada por aquella scena :

— O nome d'aquelle homem não vos

suggere nada de respeitavel e de grande?

— Sim! exclamei eu commovido. Henrique Dias era o nome de um preto valeroso, que se bateu como um verdadeiro heroe contra os hollandezes. É o nome de um defensor da patria, que em vinte e um annos de guerra nunca foi vencido. Foi elle que, na terrivel batalha de Porto Calvo, de 18 de Fevereiro de 1637, recebendo uma bala na mão esquerda, mandou amputal-a e continuou na peleja!

Minha mãe sorriu-me, e meu pae disse, com voz clara e satisfeita :

— Bem; agora subam e vão preparar as suas lições. Cada um de vocês ha de fazer-me por escripto a narração de qualquer episodio da historia do Brazil.



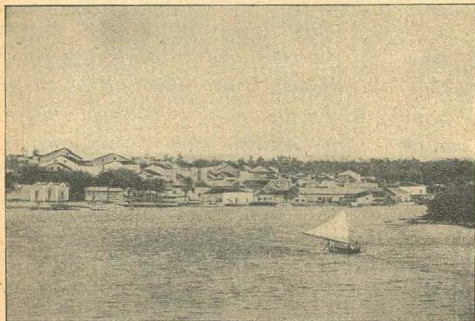
Minha Thereza.

Parahyba, 5 de Junho.

Ouvi-te hontem contar á tua amiga Adelina os segredos que te confiou a pobre Leonarda. Fiquei triste. Não devias fazer aquillo. A Leonarda procurou em ti um conselho e um lenitivo para o seu coração de menina desprotegida. O teu dever era guardar-lhe fidelidade e não trahil-a. Por ser pobre, Leonarda não merece menos do que tu, porque a sua honestidade e a sua actividade dão-lhe muito maior prestigio do que daria o dinheiro. Quando alguém te pedir segredo de alguma confidencia, mostra-te digna da sua confiança, não repetindo a ninguem, nem mesmo a mim, tua mãe, as palavras que tiveres ouvido.

Outra coisa te peço, — é que não negues nunca o teu auxilio ás collegas menos intelligentes, ou mais atrasadas, quando ellas o solicitarem.

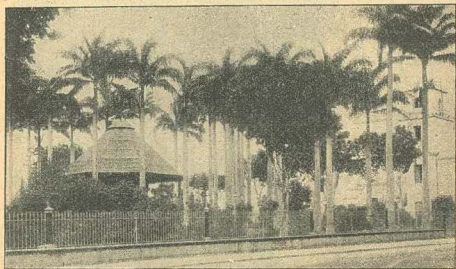
Leonarda veio hontem á tarde de proposito a nossa casa pedir-te que a esclarecesses na lição de historia do Brasil, propondo-te ler com ella o capitulo da sablvação das Missões do Uruguay. Que te



Trecho da cidade da Parahyba.

custava indicar-lhe ao menos os pontos principaes? Tu bem os sabes, porque és intelligente e estudiosa; entretanto, deixaste a pobre Leonarda sair sem uma resposta ao menos ao seu pedido. Remedeia o mal que fizeste : convida essa menina para vir estu-

dar contigo de vez em quando e a ir fazer mesmo uma estação connosco, na nossa fazenda de Mamanguape. Não sejas soberba, nem vaidosa ; lembra-te de que amanhã poderás carecer de um bom con-

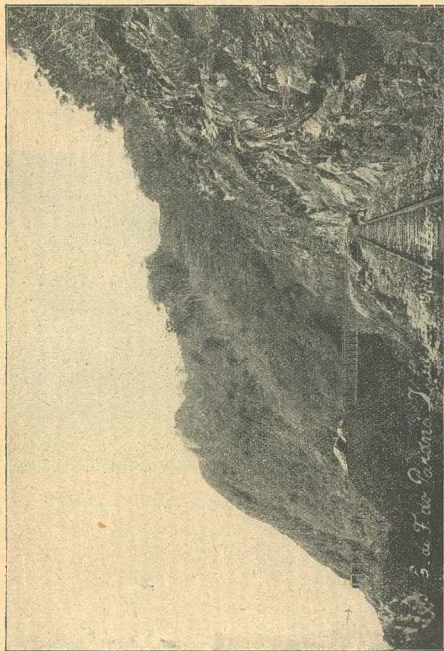


PARAHYBA. — Jardim publico.

selho, e de que devemos fazer sempre aos outros aquillo que desajariamos, em identicas circumstancias, que nos fizessem a nós.

Tua

Mãe.



Estrada de ferro do Paraná.

POLACO!



Curityba. Pelas janellas abertas da escola entrava a luz clara e doce de um dia de primavera. Os pecegueiros do pomar, todos floridos, punham manchas cõr de rosa no fundo azul do céu. Cantavam os passarinhos.

Sentada na sua cadeira, D. Virginia vigiava os discipulos, que faziam socega-damente os seus exercicios de calligra-phia.

Alli estava o Romão, gordo e corado, ao lado da Elvirinha, e logo o Paulo, o José, a Theodora e outros tantos no outro banco, e muitos mais, attentos, compene-trados do seu dever.

Olhando para aquelle tapete de cabe-

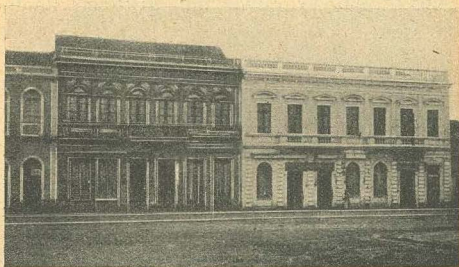
cinhas loiras, castanhas ou pretas, uma expressão de jubilosa ternura extravasava-se da physionomia da mestra. Todos aquelles coraçõezinhos eram aperfeiçoados pela sua dedicação, a sua intelligencia e a sua consciencia! Nenhuma posição social no mundo podia egualar á sua, feita de sacrificios a bem da patria e do futuro alheio.

Findara a hora do exercicio de escripta. O primeiro a entregar o seu caderno foi o Daniel, um moreno gordinho e amavel, que levava figos do seu quintal para distribuir no recreio pelos pequenos que não tivessem merenda.

A professora determinara que os exercicios versassem sobre a ambição. O de Daniel dizia assim :

« No fim do seculo xvii, tendo corrido noticia de haver jazidas de ouro nos sertões de Minas, grupos de aventureiros paulistas, portuguezes e mamelucos, munidos de instrumentos de mineração, internavam-se por esse Estado a dentro, transpondo montanhas, descendo vallados, dormindo ao relento, escalando rochas,

vadeando rios, passando enfim por enor-
missimos perigos, com o sentido de anga-
riar thesouros extraordinarios. A esses gru-
pos davam o nome de bandeiras; aos que
os constituíam : — de bandeirantes. A



CURITYBA. — Praça Tiradente.

ambição levava-os para deante. Gastavam
nisso annos e annos. Uns morriam sem
ter visto realizado o seu sonho, e os que,
por mais fortes ou mais pertinazes ven-
ciam, estabeleciam-se em cabanas de colmo
á beira das jazidas. Com o seu exemplo
outras cabanas surgiam e faziam-se assim

aldeias cuja população augmentava depressa. »

DANIEL.

D. Virginia annotava o exercicio de Daniel, quando ouviu um grito ao fundo da sala.

— Que foi?! perguntou ella erguendo-se.

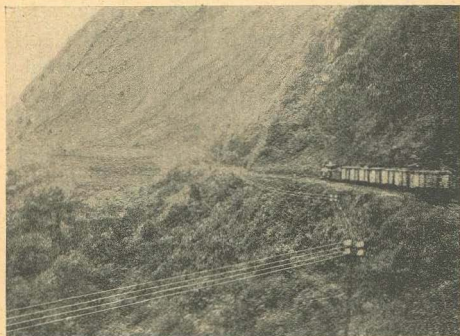
Então um pequeno acaboclado e rechonchudo respondeu sacudidamente, com ar desdenhoso :

— Foi aquelle polaco que me atirou com a penna á cara!

Á maneira porque o rapazinho pronunciou — polaco — D. Virginia franziu as sobrecebas; mas, voltando-se para o accusado, ordenou : — explique-se!

O polaco, um rapazinho de oito annos, levantou-se torcendo com desespero a aba do casaco. Era uma criança clara e cabeçuda, com olhos que nem duas continhas de vidro azul. Depois de alguma hesitação, elle começou :

— Desde que entrei para o collegio, que o Frederico me chama polaco, com desprezo, a modo de insulto. Tenho-me calado... mas agora... a senhora perdõe-me, mandei-lhe a resposta.



Caminho de ferro de Curityba a Paranaguá.

D. Virginia chamou os dois pequenos para seu lado e perguntou em voz bem alta ao polaco, para que todos a ouvissem, apontando pela janella aberta para o céu e as arvores :

— De que côr é o céu da tua terra, meu filho?

— Azul... respondeu o pequeno, espantado.

— E as flôres dos pecegueiros?

— Côr de rosa.

Que fazem os passarinhos de lá?

— Vôam e cantam...

— Vêm? Tal e qual como aqui!
Meus filhos, a patria do homem é o mundo inteiro.

Em todas as terras a gente ama, goza, soffre, vive e morre do mesmo modo. É justo e natural que prefiramos a todos os paizes aquelle em que nascemos e em que vivemos com os que mais amamos. Mas por isso será justo e bonito que tratemos com arrogancia e brutalidade os nossos semelhantes que vêm de longe ajudar-nos no nosso trabalho e participar das nossas dôres e alegrias?

Frederico! quando alguma visita vae á casa de teus paes, elles não procuram obsequial-a, tornando hospitaleiro o seu tecto e franca a sua mesa?

— Sim, senhora...

— Pois se teus paes te dão o exemplo de gentileza e de bôa educação, porque o não segues ? Imagina que talvez a esta mesma hora alguma criança brasileira, desprote



CURITYBA. — A Cathedral.

gida, erre pelas ruas de uma cidade estrangeira e que sejam as esmolas dos estrangeiros que lhe matem a fome..

Olhas para mim admirado, sem comprehender a hypothese de que um brasileiro possa soffrer miseria ? Quando fôres

grande e tiveres observado o mundo, verás que tudo póde ser... Agora confessem-me ambos que estão arrependidos, um da intenção de offender, outro da brutalidade da vingança. Que vos resta fazer ?

Frederico e o polaco avançaram pausadamente um para o outro e estreitaram-se em um longo abraço.

— Muito bem ? exclamou a mestra ; agora sentem-se um ao lado do outro e estudem a mesma licção, no mesmo livro.

Os meninos sentaram-se, e ella, voltando-se para Daniel, disse :

— Para a semana, o seu thema será este : confraternisação !



UM MARTYR



(Episodio extrahido por Cecilia)

Em uma noite do anno de 1789, passeavam dois homens pela estrada enluarda e deserta, que ia do Pombal para a villa de S. João d'El-Rei. Um era um sacerdote, que bem diziam isso as suas vestes longas e pretas, o outro um moço mineiro, de olhar sonhador e fronte altiva.

— Mais prudencia, Joaquim! aconselhava o padre; você é apaixonado e impetuoso; essas coisas não se fazem de assalto!

— Reverendo e amigo! a Republica é a liberdade, e a liberdade é a aspiração de todos os brasileiros. O bem que o Reino nos fez, já lh'o pagámos. Se a

nossa capitania, tão arruinada, lhe satisfizer a voracidade com as setecentas arrobas de ouro que elle exige, a que tristeza e desalento nos entregaremos todos?! Vêde esta terra, padre! e o moço apontava para a immensidade dos campos; toda ella é fer-



MINAS GERAES. — Bello Horizonte.

til, toda ella reclama braços de filhos livres e amorosos, que lhe rasguem os seios, que a fecundem, que a tornem numa grande patria, bemdicta e forte. O Reino está muito longe!

— Mas é poderoso!

— Sel-o-emos tambem. Vós, que sois o ministro de Deus, que adoraes o Grande

Republicano, o doce e tremendo Christo, sois o menos apto para desdenhar do meu ideal.

— Nada desdenho, mas temo pela tua



MINAS GERAES. — Ouro Preto.

sorte. Expandes-te, como todos os sonhadores platonicos, sem escolha de logar, nem de auditorio. Como és puro, não cuidas que possa haver traição. Entretanto, já chegou aos ouvidos do visconde de Barbacena, e até mesmo aos de Luiz

de Vasconcellos, o teu nome, como acer-rimo propagandista e cabeça da conjuração. Falas a toda a gente sem reserva, nos pousos das estradas, como nas ruas da cidade, nos adros das egrejas, como nos pateos dos palacios; a tua palavra vibra por toda a parte com igual vehemencia!

— Sou sincero.

— Mas isso não é de politico, é de doido.

— Sou assim.

— Bem sei. No teu conventiculo estão muitos homens letrados, militares, padres, magistrados e empregados publicos; mas ninguem cita os seus nomes e bozina-se por ahi que tudo é obra do Tiradentes, animado pelas noticias da revolução de França...

— Seja! e não serei eu que os denuncie! E acrescentou com ironia : Parto amanhã para o Rio, e se quizer algo de mim, é só dirigir-se por escripto, mas sem assignatura, ao inconfidente mineiro Joaquim José da Silva Xavier, alferes de cavallaria e...

— ... louco! respondeu o padre abraçando-o com ternura.

Dois annos depois o bom padre caminhava silenciosamente para a sua branca



MINAS GÉRAES. — Ouro Preto.

ermida, de madrugada, á luz das ultimas estrellas. Era a hora da missa das almas. Foi chorando que o sacerdote offereceu a Deus o Santo Sacrificio da missa por alma de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que por um decreto da rainha

D. Maria I fôra executado na cidade de S. Sebastião, onde a sua cabeça de martyr se erguia ainda em um alto poste, como exemplo ás turbas. Todos os seus companheiros, tendo sido indultados da pena ultima, seguiram desterrados para os sertões da Africa, e os cinco ecclesiasticos haviam sido chamados a Lisboa. Só elle pagára com o sangue o arrojô de querer a patria livre!

E na silenciosa ermida, solitaria e branca, á dubia claridade do alvorecer, o padre sentiu, num frémito mysterioso, que um seculo mais tarde a idéa do inconfidente mineiro, morto vilmente na praça publica, surgiria gloriosa, dominando o paiz!



PACIENCIA E BONDADE



Eram tres horas da tarde quando saíu da porta do collegio o bando ruidoso e alegre das crianças. A rua, uma rua estreita ladeada por altos predios, na cidade baixa da Bahia, extendia-se em uma linha sinuosa e longa, por onde a todos os instantes passavam vehiculos de todas as especies.

Entretanto, o bando dos collegiaes ia pela calçada, muito correctamente. Lá estava o Benedicto dando a mão á irmãzinha, desviando-a dos perigos com todo o cuidado; lá seguia a Clarinha com a bolsa dos livros bem afivellada e o seu avental branco escrupulosamente limpo; lá iam de braço dado o Dionysio e o Lauro, direitos

e risonhos, com os seus collarinhos á marinheira bem assentes nas costas fortes e largas; lá iam Magdalena e Sophia acompanhadas pela preta Anna, de camisa de crivo, trunfa azul e contas polychromas no pescoço e nos pulsos; lá iam todos, emfim, com muito bom modo e juizo, dando aos transeuntes bonita prova da sua bôa educação.

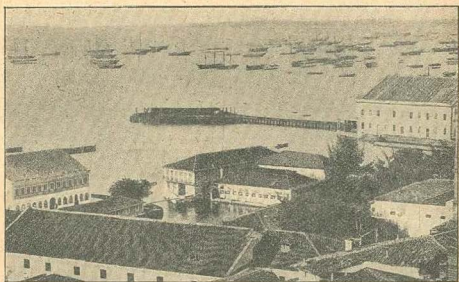
Só Carlota caminhava sem reparar em coisa nenhuma, distrahida como sempre, e por isso, deixando a calçada, poz-se a andar pelo meio da rua atravancada de vehiculos e de povo.

Subitamente ouviu-se um grito agudissimo : um carro atropellara a pobre Carlota, que lá estava extendida nas pedras e pallida como se fosse de cêra!

Acudiu logo muita gente e levaram a menina para a casa dos paes, na cidade alta, onde moravam em uma cазinha pittoresca, cercada de mangueiras. Todos os collegas acompanharam a pobre menina, que ia deitada em uma padiola e tão immovel que parecia morta! Vieram depressa

dois medicos, que affirmaram á mãe de Carlota ter a filha quebrado uma perna, mas estar livre de maior perigo. A bôa senhora perguntava a todos :

— Como foi que aconteceu isto?



BAHIA. — Vista da bahia de Todos os Santos.

Prenderam o cocheiro? Elle é um malvado!

Respondiam-lhe que sim, que o cocheiro tinha sido preso e pagaria caro aquelle desastre.

Mas, já acordada e entre gemidos de dôr, Carlota explicou :

— A culpada fui eu; eu só. Na rua deve-se andar com cuidado, fugindo dos carros, sempre com atenção; entretanto eu andava como se estivesse no meu quintal, sem me lembrar de que poderia esbarrar em alguém, pisar um animal, fazer cair uma criança, tropeçar em um cego, ou em uma velhinha tropega... Eu li tudo isto em um livro, na escola, e a professora mesmo sempre aconselha que sejamos cuidadosos e que na rua, mais do que em outro qualquer logar, devemos respeitar os outros para que os outros nos respeitem. Ora... eu vinha no mundo da lua, e foi só por isso que aconteceu este desastre. Mamãe descance, que hei de ficar bôa depressa e d'aqui por diante terei muita cautela sempre que andar na rua. Se prenderam o cocheiro, peço a meu papae que o mande soltar; eu poderia ter fugido a tempo, se não fosse tão distrahida!

Ouvindo estas palavras generosas, toda a gente que estava alli ficou querendo bem á pobre Carlota.

Os collegas da excellente menina voltaram para suas casas já tranquilos, promettendo vir saber d'ella todos os dias. Entre todos destacava-se a Clarinha como uma enfermeira dedicadissima! Durante todo o tempo da enfermidade, Carlota



BAHIA. — S. Bento.

teve-a a seu lado, procurando animal-a e distrahil-a.

As qualidades de bôa enfermeira devem ser cultivadas com esmero e denotam sempre excellente coração. Clarinha era incançavel, apiedada pelo soffrimento de Carlota fazia tudo por alegrial-a. Um

dia levava-lhe doces feitos pela mãe, noutro flôres do seu jardim, cultivadas por ella, ou as excellentes mangas do seu pomar, ou bellos livros da sua bibliotheca. Se Carlota se cançava de uma coisa, ella corria a buscar outra, sempre amavel e jovial, como verdadeira bahiana.

Uma tarde Clarinha empurrara a cadeira de Carlota para a varanda do quarto, e estavam ambas contemplando a paizagem luminosa do mar e das ribanceiras cobertas de formosissima vegetação, quando a mãe de Carlota entrou no quarto acompanhada de um homem espadúdo e trigueiro.

— Quem é? mamãe...

— Adivinha, minha filha...

— Não posso...

Ao mesmo tempo o homem, que no quartinho da menina parecia um gigante, dobrou os joelhos deante d'ella e murmurou commovido :

— Obrigado pelo seu perdão! Eu sou o cocheiro do carro que a atropellou; e ainda estaria preso, sem ganhar o pão

para a mulher e os sete filhos, se da sua bocca não tivessem saído palavras de clemencia!

— A culpada fui eu. Vá descansado. Voltarei em breve para o collegio.



ESTADO DA BAHIA. — Cachoeira Paulo Affonso.

— No meu carro.

— Não ; irei e virei sempre a pé. Sómente, serei mais cautelosa.

Carlota estendeu a mãozinha ao cocheiro, que não sabia como tocar-lhe com os seus grossos dedos callosos.

— Este desastre mostrou-me que não devo andar distrahida nas ruas... e fez-me compreender o valor de uma amizade! exclamou Carlota, enlaçando Clarinha pelo pescoço.



AMOR DA PATRIA

+ +

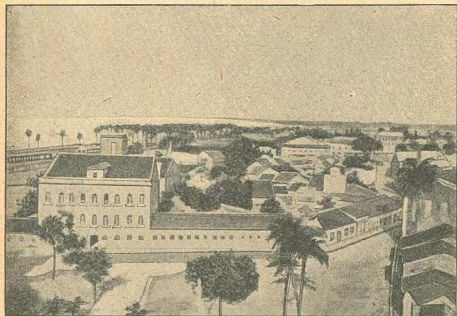
— No dia em que entrei para o collegio, em Março de 1845, disse o velho dr. Henrique a seu neto Jorge, presenciei uma scena de que jámais me esquecerei.

Frequentava eu uma escola em Maceió; onde nasci.

Como chovesse, eramos poucos na aula. Sentia-me á vontade, porque, graças aos desvelos de minha mãe, eu já sabia ler alguma coisa e contar menos mal.

Eram onze horas e escreviamos todos o nosso bastardo em cadernos ou louzas quando, sentindo rumor de passos, erguemos o olhar com curiosidade. Era um soldado que entrava com um pequeno rachitico pela mão; queria matricular-o, e, em

quanto o mestre lhe escrevia o nome, a idade e a filiação no registro da escola, o soldado anediava os cabellos negros e encaracolados do filho.



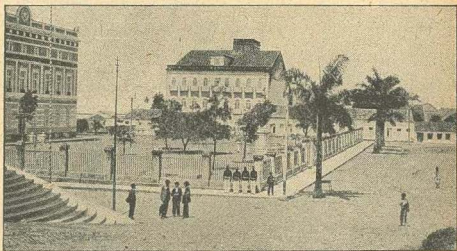
ESTADO DE ALAGÓAS. — Trecho de Maceió.

Concluidos os apontamentos, o soldado disse :

« Senhor professor, ha poucos dias que eu abracei meu filho; quasi que o não conhecia, e explico-lhe isto para que o senhor comprehenda a minha intenção. Quando parti para o Rio Grande do Sul,

deixei aqui no norte minha mulher doente e meu filho com dois mezes apenas.

« Eu era um simples soldado raso e ella, que não tinha recursos e era fraca passou grandes privações : — por isso o menino não se desenvolveu.



MACEIÓ. — Praça da Matriz.

« Só depois de acabada esta maldita guerra foi que voltei para casa, esperando ter a consolação de encontrar nella um rapaz forte, bello, alegre e desembaraçado, capaz de, mais tarde, empunhar a minha espada e defender a honra da nossa patria com a valentia e o denodo de um verdadeiro soldado.

« Tive uma desillusão amarga quando deparei com meu filho, com estes hombros contrafeitos e este rostinho murcho de criança criada sem sangue nem alegria. »

O soldado parou, com a voz embargada pela dôr; o rapazinho, humilhado, tinha os olhos cheios de lagrimas, as faces rubras de pejo e via-se que, sob a roupinha parda que vestia, todo o seu miseravel corpo de aleijado estremecia numa angustia dolorosissima.

O professor então disse alto, como se falasse a nós todos :

— Não é só com a espada que se póde elevar o nome da patria! As artes, a sciencia, as industrias, a agricultura, são mais bellos e mais vastos campos de batalha, onde nos fica muitas vezes o coração a bem da terra que nos foi berço. Na historia fulguram com mais limpido brilho nomes de poetas que de generaes. A gloria de um povo não está em ser guerreiro, em saber matar; mas exactamente em saber evitar a guerra, sempre com brio, ordem, amor ao trabalho, e

consciencia do seu valor. Ninguem teme affrontas quando tenha a justiça do seu lado! Vá tranquillo; trabalharei para que seu filho seja um digno cidadão d'esta



MACIÓ. — Rua 15 de Novembro.

terra, que é nossa e que todos amamos!

Não sei por que espontaneo sentimento, como se se visse rehabilitado do vexame por que tinha passado, o corcundinha beijou calorosamente as mãos do mestre e depois, voltando-se para nós, ergueu bem alto os seus braços longos e

finos, e gritou com força, transfigurado e lindo :

— Viva o Brasil!

— Viva! respondemos todos nós de pé, compreendendo por instincto que dentro d'aquelle corpo mesquinho e doente palpitava uma alma forte, capaz dos sentimentos que mais ennobrecem o homem e que melhor fazem progredir a terra que o viu nascer!



DEPOIS DA BATALHA



A batalha de Tuyuty, ou da Lagôa Branca, tinha cessado, deixando o campo coberto de cadáveres. Avizinhava-se a noite, que promettia ser negra e fria. Todo o céu se reбуçava em nuvens negras, compactas, e o cheiro da pólvora vagava ainda no ar carregado da tarde.

No chão, sobre a relva esmagada, empoçava-se o sangue em coagulos dene-gridos, e arfavam alguns soldados moribundos, enquanto outros repousavam, de braços abertos, na placidez da morte.

Já se não ouvia o estampido dos tiros, nem sequer o rumor das tropas em retirada, quando appareceu no campo um rapazinho esqualido e miseravelmente ves-

tido. Boiava nas lagrimas dos seus lindos olhos negros uma infinita e dolorida piedade. Os cabellos crescidos caíam-lhe sobre os hombros magros; a camisa, aberta no peito, punha a nú a sua pelle, em que se desenhavam nitidamente os ossos da carcassa.

Quem era e que vinha fazer alli aquelle menino andrajoso e pallido?

Aquelle menino, débil como um canhão do brejo, era um heroe, um forte, e ia áquelle campo levado pela misericordia e pelo amor dos homens.

Chamava-se Adriano, era natural da Parahyba e orphão de pae e mãe.

Aquelle caíra baleado na guerra; Adriano acompanhara o pae como um cão acompanha o dono. Terrivelmente audaz e paciente, resistia sem queixas ás agonias porque passava o exercito : as caminhadas, a fome, a sêde, o leito de pedras, ou as vigalias forçadas. Ninguem fazia caso d'elle, e elle, mesmo depois da morte do pae, acompanhava a todos, certo de cumprir o seu destino.

Mas ah! á noite, quando extendia na terra dura o seu corpinho fragil, tinha a visão de outra meninice : o collo materno... as ruas da sua cidade... uns companheiros para as suas partidas de pião e a salinha da escola onde elle aprenderia a ser homem digno de uma grande patria. Tudo isso acabára — mal tinha começado. Porquê? Por causa da guerra, d'aquella guerra maldita que lhe fôra buscar o pae á casa para o estraçalhar num campo, longe de tudo o que amava!

Como se podia dar semelhante injustiça na terra? Haveria nada mais deshumano do que essa humanidade enfurecida e cruel?!

Elle ficara no exercito pensando em minorar o soffrimento dos feridos : levar a gotta de agua aos beiços resequidos dos moribundos, o beijo da paz á face febril do inimigo vencido.

Nessa tarde, 24 de Maio, vendo voltar ao acampamento os soldados exhaustos, e sabendo que o campo ficara juncado de cadaveres, estremeceu lembrando-se dos urubús, que



Urubú.

desceriam a atacar os corpos inermes. Que fazer? Partir immediatamente. Elle espantaria as aves com os seus gritos; custasse o que custasse, defenderia os mortos!

O combate, que tinha durado desde as onze e meia até ás quatro e meia da tarde, fôra dos maiores, se não o maior que tinha havido na America do Sul. Brasileiros e Paraguayos mostravam as faces lividas ao céo inelemente do inverno. Alguns tinham os olhos ainda abertos, numa expressão de terror ou de saudade; outros pareciam sonhar com uma outra vida.

Adriano ajoelhou-se e rezou por todos; depois ergueu-se assustado; ouvia um rumor surdo, que vinha do alto. Seria a colera de Deus contra a perversidade dos homens? Levantou os olhos e viu lá em cima uma nuvem negra, que descia faminta, esvoaçando. Os urubús!

Como poderia elle defender todo aquelle vasto campo? Desesperado, começou a gritar tentando repellir o assalto das aves terriveis. Mas o som da sua voz aterrorisava-o no meio d'aquelle silencio.

Lembrou-se das armas, procurou uma espingarda e achou-a logo a seus pés. Fez fogo. As aves fugiram espavoridas, para irem pousar mais adiante.

Caíu a noite; um vento aspero uivava na campina. Sózinho naquelle logar sinistro, Adriano, entanguido de frio, sentou-se apertando os joelhos nas mãos, e pensou que toda aquella gente mutilada e sem vida, deixava olhos que a chorassem, mãos que se juntassem em preces dolorosas, mulheres e crianças sem arrimo e na pobreza! A guerra é o mais tremendo de todos os crimes, porque sacrifica innocentes! Que prégo Jesus no mundo? Paz, egualdade, fraternidade. E o homem que se diz christão, de que modo cumpre esses preceitos divinos?!

De vez em quando Adriano parecia ouvir um soluço. Quedava-se á escuta. O som não se repetia de egual maneira; vinha mais forte ou mais fraco, confundindo-se ora com a voz humana, ora com um grasnido de corvo. Só tarde appareceu a lua entre nuvens pretas como véos de lucto.

Dir-se-ia a face pallida de uma viuva triste, nos seus véos de crepe. Entretanto, vinha á lembrança de Adrião a sua cozinha na Parahyba, onde a mãe cosia na soleira, e o pae lavrava a terra, cantando uns versos que nunca esquecerá, e em que havia como que um prognostico do seu triste fim :

— Quando com agua regada,
Todo a terra fructifica;
Mas se é de sangue encharcada,
Esteril fica.

Vae para a guerra o soldado
Sempre em marcha com afan,
Sôa o tambor compassado :
Plan... rataplan !

O que é bom produz bondade,
E que é que produz a guerra?
Da patria e da humanidade
O homem desterra.

Batalhões e regimentos,
A' noite e pela manhã,
Sem parar marcham, aos centos :
Plan... rataplan.

Quem ame a patria, conserve
Esta idéa sempre viva :
Que melhor á terra serve
Quem a cultiva.

Alta gloria retumbante,
A gloria da guerra é vã.
Fusilae! matae! avante!
Plan... rataplan...

Bóns fructos faz a semente
E as feras deixam que as domem;
Só o homem, unicamente,
É contra o homem!

Soldados contra soldados,
Na montanha e na rechã,
Atiram-se allucinados...
Plan... rataplan!...

Terríveis carnificinas,
Sangue, horror, crâneos abertos...
É os campos e as oficinas
Ficam desertos.

Varreu feroz a metralha
Campina ainda hontem louçã...
Travou-se nella a batalha :
— Plan... rataplan...

Quando o amor da humanidade
Dominar por toda a Terra,
Ha de haver paz e bondade,
Nunca mais guerra.

Se a christandade algum dia
Fôr de verdade christã,
Só em tempo de alegria
Se ha de ouvir o — rataplan!

Que saudades estes versos acordavam na alma de Adriano! A noite foi longa; só com a luz da madrugada seriam perigosos os urubús, que dormiam agora nos altos galhos das arvores. Pouco a pouco as sombras foram-se modificando; uma

faixa de luz alvadia traçava uma linha no horizonte; depois essa faixa foi-se alargando, alargando, e invadiu todo o céu. Era o dia.

Adriano tratou de carregar as armas dos soldados extendidos a seus pés; desabotoando-lhes os cinturões, abria-lhes as cartucheiras com mãos tremulas, como se com aquelle acto faltasse ao respeito devido aos mortos, ou praticasse uma accção vil!

Era tempo. Mal elle acabava de pôr o ultimo cartucho em uma carabina, quando ouviu o rumor dos urubús descendo em bando aterrador!

Adriano fez fogo, — e ia atirar de novo quando sentiu pousar-lhe no hombro a mão pesada de um homem. Voltou-se e viu alli, junto de si, o general Osorio.

— Que fazes aqui, rapaz?!

— Defendo os mortos, general... titubeou elle.

O general contemplou-o com admiração.

— Sózinho?!

— Sózinho..

— És um heróe! Volta para o acampamento. Deita-te na minha barraca. Os mortos vão ser enterrados... A sentinella não te viu?

— Não sei...

— Dá-me a tua mão. És um homem! Queres ser soldado?

— Não! quero ser lavrador.

— Escolheste bem. Caminha!

E Adriano caminhou, sentindo acompanhá-lo um longo olhar de enternecida sympathia do velho militar.



CORAGEM

+ +

O jangadeiro Anselmo, da Fortaleza, olhava para o mar, sentado num casco velho de barco, enquanto a seus pés os netos brincavam, revolvendo-se na areia branca da praia.

— Vovô, perguntou um d'elles ao velho, em que está pensando?

— Em que já fui assim como vocês são : pequeno, alegre, e que passava as tardes rolando nesta linda areia, enquanto meu avô olhava para o mar. Sómente, eu não lhe perguntava : — Em que está pensando, vovô? porque elle era um homem calado e não me dava confiança...

Os dois meninos tinham saltado para os joelhos do velho, e ameigavam-lhe as faces com as mãozinhas gordas.

— O nosso vovô é o melhor do mundo! exclamou um d'elles.

O jangadeiro sorriu e continuou :

— O meu avô tambem era um santo; muito melhor do que eu.

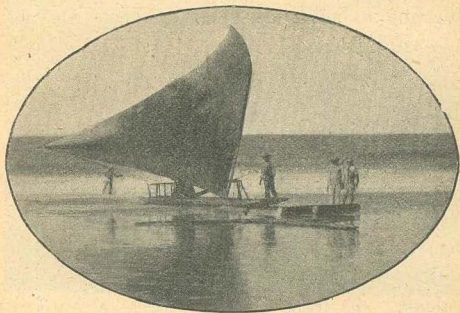
— Isso é impossivel!

— Era um cearense de lei, aferrado aos nossos costumes, ousado, forte, simples e amigo da pobreza. Uma vez vi-o tirar o casaco do corpo, e era o unico que elle tinha, — para o dar a um mendigo, que vivia a tremer de febre... Dava tudo; como era pescador, atirava-se ás vezes por essas ondas bravas, só para ajudar os outros pescadores mais infelizes. Depois, se lhe queriam agradecer, voltava as costas e lá se ia embora.

Não voltava de pescaria que não trouxesse uma porção de peixes para qualquer viuva necessitada ou para qualquer criança sem pae. Da sua rede muita gente comia sem gastar vintem.

Entretanto era um homem calado... Isso não quer dizer nada na gente velha, que é quasi sempre triste. Por isso mesmo

é que as crianças devem ser meigas e risonhas para nós. Vocês, meus velhacos, parecem ensinados! Quem vos diz que me passeis assim com tanta doçura as mãos pela cara? É a mamãe?



CEARA — Uma jangada.

As crianças entreolharam-se admiradas; depois o mais velho disse :

— Mamãe diz muitas vezes : — Vocês respeitem sempre os velhos, não se riam de quem tiver os cabellos brancos... Mas nunca nos recommendou que o abraçassemos.

— Então porque fazem vocês isso?

— Não sei...

— Eu sei! respondeu o mais pequeno, muito ufano. É porque dá gosto á gente.

O jangadeiro limpou furtivamente uma lagrima e beijou as duas crianças. Os netos continuaram :

— Vovô já foi mesmo do nosso tamanho?

— Fui...

— E teve pae?

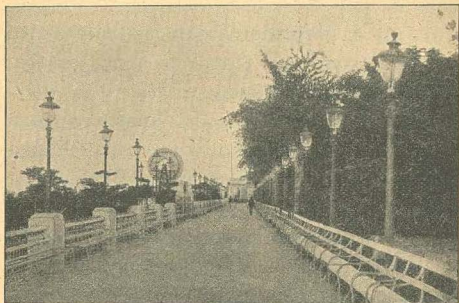
— E mãe; e gostei de fazer travessuras, como vocês. Eu trazia sempre os bolsos cheios de conchas, por mais que minha mãe dissesse que ellas rasgavam as calças... E trepava ás arvores e enterrava-me na areia movediça e era um diabrete, como vocês. Bom tempo!

Os meninos sorriram e apalparam as algibeiras recheadas de buzios.

— Então toda a gente é igual?

— Como essas ondas. Vocês que ahi estão, pequenos e lépidos, hão de ser, como eu tambem já fui, moços aventureiro-

sos e alegres, até que chegue um dia em que sejam o que eu sou agora, — velhos e cansados. E é por isso mesmo, meus amores, porque nós todos somos eguaes, estando sujeitos ás mesmas leis da natu-



FORTALEZA. — Passeio Publico.

reza, que nos devemos respeitar e auxiliar uns aos outros.

A proposito d'isto vou contar agora um caso que vos póde servir de exemplo.

— A historia é grande?

— Não.

— Que pena!

— Escutem :

« Em 1878 houve uma grande secca no Ceará. O sol queimava, bebia toda a seiva da terra; a atmospherá abrasada nê m sequer orvalhava os pastos e as campinas.

« As hervas murcharam, as fontes não deitavam nem um pingo de agua, as fructas mirravam-se ainda verdes, e o gado andava por ahi, mugindo, que era uma tristeza, e muito magro, com a lingua pendente e os olhos baços... No sertão, lá para os lados de Quixeramobim, havia na vizinhança de uma fazenda de criação uma pobre mulher viuva que amamentava um filho de um anno...

— Coitada...

— « Todas as tardes aquella gente dos arredores, cançada de ir bater em vão á porta do rico fazendeiro criador de gado, reunia-se, faminta, no terreiro da viuva, que repartia com todos um bocadinho do que tinha em casa, e ainda dava de mamar a uma ou outra criança sequiosa.

« Por fim, chegou um dia em que a

infeliz não teve nada para dar nem aos seus nem aos extranhos. Escondendo as lagrimas, Lydia — era, assim que ella se chamava — disse aos seus pobres :

— « Amigos, já não tenho nada para repartir comvosco, senão a minha coragem. Ponhamo-nos a caminho; não desanimemos.

« Todos a acompanharam pelas ínvias estradas do sertão. Se alguém se lamentava, Lydia simulava alegria e rompia em cantigas para distrahir os amigos. Mas, de canção, de fome e de sêde, os mais fracos iam caindo mortos.

« Lydia enterrava-os piedosamente e animava os outros, apontando-lhes um porto de salvação.

« Depois de grandes luctas e martyrios sem nome, chegaram, por fim, esfarrapados e cambaleantes, á Fortaleza, onde um navio se enchia de emigrantes para o Sul.

« Foi só ao chegar a bordo, depois de vêr os companheiros repousados e fartos, que a bôa Lydia desatou em pranto soluçado, lembrando-se dos amigos mortos

pelo caminho e da sua casa cercada de carnaúbeiras, e da sua terra querida, tão injustamente castigada!

« Tinham passado dez annos quando um dia um caboclo viu abrir-se a cazinha da estrada, cercada de carnaúbeiras; aproximou-se espantado. Quem lhe havia de apparecer? A bôa Lydia, gorda, risonha e feliz.

— « Como é isso? toda a gente aqui a julgava morta!

— « Pouco faltou! Mas, cá estou, meu amigo.

Deixei os companheiros espalhados por esse Brasil, que todo elle é nosso, e voltei eu, com saudades do meu canto. Apesar do abandono e da mattaria que esconde a minha roça e mata as minhas plantas, acho tudo agora aqui muito bonito!

« A agua parece-me mais clara e em maior quantidade que nos tempos antigos; as fructas estão mais doces e mesmo os coradouros estão tão frescos e os pastos tão lindos, que até ás vezes fico com inveja do gado.

— « Como está seu filho?

— « Está um rapaz valente, e vou pô-lo na escola...

— « Se vocemecê não tivesse tido tanta coragem...

— « Não vale a pena falar agora nisso. Do que precisamos é de trabalhar!

« Não houve ninguém naquellas cercanias, que não corresse á casa de Lydia para offerecer-lhe os seus serviços. Uns cultivaram-lhe a horta, outros arrancaram do pomar as hervas damninhas, outros semearam a roça; e assim, depressa vicejaram as plantas em torno da sua casa. »

Isto quer dizer que nos devemos auxiliar mutuamente. Entenderam?

— Entendemos. Agora explique-nos, vovô : porque chamam ao Ceará terra da Luz?

— Porque foi a primeira provincia que aboliu a escravidão. Já agora, vou contar-vos outra historia. Como em nossa terra não se podia vender nem comprar escravos, os senhores, — donos d'elles, mandavam-os em levás para outras provincias, onde os pagavam bem.

— Que horror!

— Pois fomos nós, os jangadeiros, que impedimos a saída d'essa pobre gente.

— Como?!

— Como os mares aqui são bravios, só em jangadas se podem as pessoas transportar da terra para bordo. Portanto os escravos que saíam da provincia, tinham de ir para os vapores nas jangadas do porto.

Entre os jangadeiros havia um de nome Francisco do Nascimento, que, reunindo-nos um dia, disse :

— Meus camaradas, depende da nossa vontade salvar estes homens da escravidão! Por mais que os seus senhores nos peçam e nos offereçam, neguemos sempre, sempre, com toda a energia, o transporte de escravos para bordo. A minha jangada é livre, e só levará d'esta nossa terra gente livre!

— E as nossas tambem! gritámos nós todos com enthusiasmo.

E como isto se cumpriu, meus netos, cabe-nos a nós, homens rusticos, uma das mais bellas glorias do Ceará. Por isso elle ficou sendo chamado — Terra da Luz!

Minha irmã.

Aracajú, 13 de Maio, á noite.

A nossa professora disse hontem que nos esperaria hoje ao meio-dia na escola, para levar-nos a um passeio ao campo. A hora indicada, o salão principal do collegio regorgitava de crianças. As adjunctas e a directora iam e vinham, arranjando melhor as gravatas mal atadas dos rapazes ou as fitas e os cabellos das meninas.

Antes de saírmos, a professora, ordenando silencio, perguntou :

— Sabem qual é o acontecimento que celebremos hoje?

Mais de uma voz respondeu alto : A redempção dos captivos!

— Isso mesmo. É em regosijo d'esta data gl'oriosa que os leto hoje a gozar da liberdade do campo.

Instantes depois saíamos. Nas ruas tremulavam bandeiras, e as fanfarras enchiam o ar de sons festivos. Como toda a gente me parecia alegre!

As professoras faziam-nos notar a expansão do povo, interessando-nos por tudo. Nunca a nossa cidade me pareceu tão bonita. A bahia estava que nem um espelho, mais azul do que o céu.

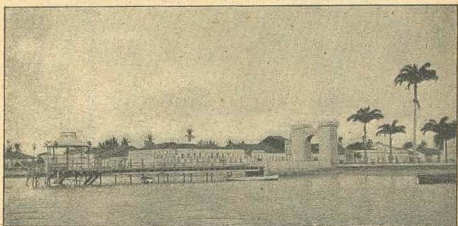
Entrámos em grandes carroças de bois que a pericia de não sei quem transformára em jardins ambulantes. Iamos doidas de alegria! Até chegarmos ao ponto terminal fomos em uma algazarra de ensurdecer cigarras.

A mestra levou-nos então a uma grande chacara, onde havia lindíssimas arvores e cantavam passaros deliciosos.

A professora influia-nos : que brincássemos e corressemos, jogando o « esconde-esconde », a « cabra-cega », apostando corridas e cantando em còro os nossos hymnos escolares. Ordenava tambem que não bulissemos nas plantas, que respeitássemos aquella casa que tão hospitaleiramente nos

abria as suas portas. Assim fizemos, e ella ficou contente.

As duas horas tivemos uma refeição simples e saborosa, preparada num caramanchão perfumado; depois tornámos a correr atraz das borboletas e a brincar.



ARACAJÚ. — Ponte de desembarque.

Como sabes, o meu condiscipulo predilecto é o Alvaro, a criança mais engraçada do collegio. Elle tambem diz que nos estima a todas, como se fossemos suas irmãs. A professora quer isso mesmo e diz sempre: tocês aqui na escola são meus filhos! E hoje, no passeio, affirmo-te que pareciamos irmãos.

A tarde, quando voltávamos, e já perto do portão da quinta, o Alçaro deu um viva ao dia 13 de Maio, com toda a força dos seus pulmões. Uma preta, que parára na estrada para vêr-nos, pediu



ARACAJÚ. — Palácio do Governo.

licença á mestra para beijar a mão d'aquelle menino.

Nossa professora olhou attonita e perguntou — Porquê?

— Porque eu fui escrava e senti que aquelle grito saiu do coração!

A professora consentiu, e o Alcaro, pondo-se em bicos de pés, beijou a preta nas duas faces. Continuando em nossa marcha, ao passarmos pela ex-escrava, nós, sorriamos-lhe e os meninos tiravam respeitosa-mente o chapéu.

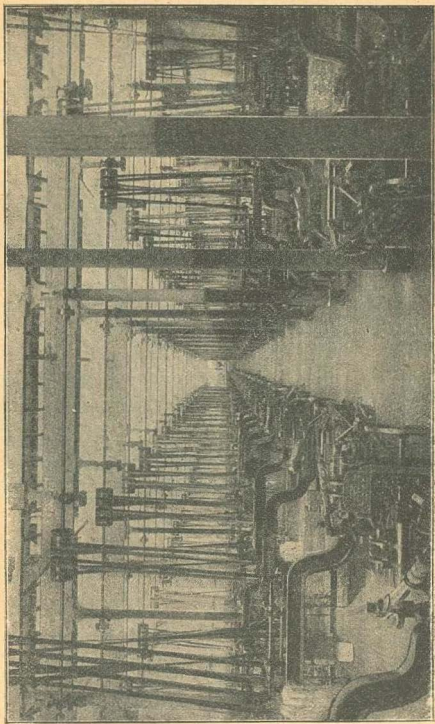
Já longe, na volta da estrada, olhámos para traz e lá vimos, no mesmo ponto, o vulto esguio da preta atirando-nos beijos.

É noite; depois de ter contado a nossos adorados paes as alegrias d'este formoso dia, não quero adormecer sem casar no teu bom coração as commoções do meu!

Tua irmã

Anna.





RIO DE JANEIRO. — Fabrica de tecidos *Confiança Industrial*.

A FABRICA

* *

Os galpões de arrecadação estavam repletos de obras promptas para a expedição, e nas officinas tumultuavam os operarios, por entre machinas de todos os tamanhos e feitios. Aqui, marceneiros talhavam, na madeira cheirosa, esquadrias, molduras, cimahlhas, apparelhando taboas, preparando alizares. Adeante, noutro salão, machinas movidas a electricidade, transformavam o ferro bruto em pregos, taxas e parafusos. Aqui eram trilhos estriando o chão terreo da fabrica, acolá eram engrenagens de vagões e eixos de rodas empilhados nos cantos. Todo o edificio offegava no trabalho. Centenares de homens ganhavam nelle o pão de cada dia.

Em frente á usina de electricidade, o dono do estabelecimento inaugurava nesse dia uma escola para os filhos menores dos seus operarios. Num estrado, ao lado da professora, elle devassava com a vista toda a sala. Tinha os cabellos grisalhos e uma expressão bondosa no rosto illuminado pela intelligencia. As crianças tinham-lhe enchido as mãos de flôres.

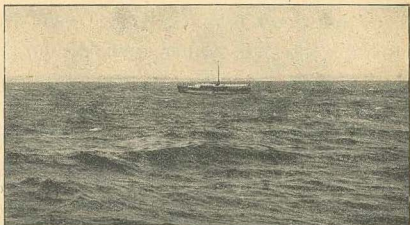
D'entre as carteiras e os bancos envernizados surgiam as cabeças muito attentas dos alumnos, que a alvura das paredes novas parecia tornar mais trigueiros.

Quando na sala o silencio era absoluto, o industrial começou :

— Meus filhos! Quando eu tinha a vossa idade, era um pobre menino sem familia e sem vintem, sempre desagasalhado, muitas vezes faminto, e cuja unica ambição era saber lêr um livro. Um livro era para mim a representação da soberania do homem na terra.

Essa intuição foi a minha felicidade: será a vossa, se pensardes que nada na vida eguala o esforço da intelligencia, pela

qual o homem se impõe. Eu não tinha familia, mas tinha vontade; e a vontade vale mais para os individuos que todas as protecções e todos os conselhos... Quando não haja essa qualidade, natural, é preciso fazel-a com esforço, porque uma creatura



Barca pharol na barra do Amazonas.

que não sabe querer, com tenacidade, será um joguete da vida, um fraco, sem jús á consideração da propria familia que mais tarde criar. Nasci na raiz da serra de Paracaina, de um casal pauperrimo.

Ainda eu não andava, quando meus paes, numa longa viagem, ora a pé, ora em jangadas rio abaixo, se foram approxi-

mando do littoral. Não sei quantas terras percorremos, ora internados nos sertões como seringueiros, ora habitando praias, como pescadores... lembra-me que aos oito annos desembarquei na ilha de Marajó, já sem mãe e com o pae doente, e que depois de alli viver uns mezes, numa fazenda de criação, partimos para S. Luiz, onde frequentei durante dois annos uma escola publica.

Realizei o meu sonho: aprendi a lêr; e desde o dia em que comecei a lêr correctamente, senti-me fortalecido e como que amparado por mim mesmo. Era tempo.

Meu pae falleceu, recommendando-me a um marinheiro seu amigo, que não soube consolar a minha tristeza. Elle era rude, eu era amoroso, e ambos miseraveis! Só me restava compartilhar a sua sorte. Embarquei com elle, deixando o Maranhão numa linda madrugada de Julho. O meu coração lá ficava no norte, dividido em duas sepulturas, uma em S. Luiz e outra no Amazonas... O vapor em que embarcámos vinha malsinado. Tocámos em Forta-

leza, Natal e Parahyba; mas, ao chegarmos ao Recife, rebentou a bordo a variola, e o primeiro atacado foi o meu protector, que enviaram para um hospital. Fiquei sózinho na infinita solidão d'aquellas aguas e



PORTO ALEGRE. -- Vista de um trecho da cidade.

d'aquelle céu! Em Maceió foram mais dois marinheiros para terra... mais outros na Bahia... e outros na Victoria! Chegámos ao Rio de Janeiro sem guarnição. O commandante tomou ahi gente e continuou na sua viagem do littoral para o Sul. Milagrosamente, eu ia escapando á epidemia e ia

sendo utilizado como criado a bordo. Em Santos morreu mais um marinheiro, em Santa Catharina iamos naufragando, e apor-támos com avarias em Porto Alegre. Ao termo d'esta viagem tempestuosa, caí finalmente eu tambem com as bexigas, e chegou a minha vez de ir para o hospital... Meu pae... minha mãe... minha villa serrana, tudo vivia no meu pensamento, numa bruma de lagrimas!

Entre os doentes da minha enfermaria havia um mattogrossense que se compadeceu de mim e prometeu auxiliar-me como pudesse, ao sair do hospital. Era um carpinteiro inculto, cujo retrato occupa o lugar de honra na minha sala. Entrei para a sua officina. Elle era analphabeto; comecei a escrever as suas contas e elle a ensinar-me o officio. No fim de alguns annos eu era o seu primeiro official e o seu socio, graças á minha actividade e ao meu esforço. A minha vontade era chegar a ser um grande industrial, para fazer ganhar a vida a muitos homens, neste formoso Estado, tão acolhedor e tão independente. A pouco

e pouco, economisando, calculando, e procurando fazer o meu trabalho com a maior perfeição, cheguei a transformar a modesta officina do carpinteiro numa grande officina... depois nesta fabrica, onde todos nós



RIO GRANDE DO SUL. — Porto de Rio Grande.

vivemos reunidos e onde sinto o calor da vossa amizade tão consoladora!

Consegui assim o meu desejo, e hoje o prazer mais doce ao meu coração de brasileiro é chamar para debaixo d'estas telhas os rapazinhos descalços, orphãos ou filhos de paes pobres, que vivem por ahi, e dar-lhes o agasalho que me custou tanto a ad-

quirir e que eu não conseguiria se não fosse insuflado pela energia e a franqueza do povo riograndense.

Meus filhos, estudaes com amor e trabalhaes com coragem. A patria precisa de homens fortes, instruidos e de vontade bem orientada. Meu neto ahi está convosco.

O mais velho, já engenheiro, não teme engrossar as mãos com a lima, e é tão bom operario como os melhores da nossa fabrica. É o meu orgulho. Sêde bons camaradas e vivei em paz, como irmãos e amigos que somos uns dos outrôs. Agora, todos juntos, saudemos alegremente o Estado do Rio Grande do Sul!

Um viva formidavel reboou por toda a sala — e o grande industrial desceu do estrado sob uma chuva de flôres.



UMA PERGUNTA



Querendo obedecer a meu pae, sentei-me á mesa de estudo e procurei tirar da nossa historia uma pagina que nos fizesse bater o coração de enthusiasmo e de orgulho.

Minha irmã escolheu para a sua narrativa a figura sympathica de Tiradentes; eu vacillo entre tantos nomes e tantos feitos, sem poder fixar a minha imaginação em um só d'elles. Se recorro aos tempos triumphaes do velho Portugal, em que as armadas d'el-rei D. Manoel, cruzando os mares, vieram descobrir as nossas plagas, e tento falar de Cabral, Affonso Lopes, Nicoláu Coelho, Christovam Jacques, ou do piloto Americo Vespucci, que deu o

seu nome ao nosso continente, acode-me depressa que melhor seria descrever a abnegação dos jesuitas, combatendo a antropophagia, civilizando, morrendo pelas suas idéas; ou esboçar a figura energica do bispo D. Pero Fernandes Sardinha, devorado pelos indios Caethés, após o naufragio entre os rios S. Francisco e Cururipe. Seduz-me a imaginação o grande padre Antonio Vieira, debruçado no pulpito, desprendendo dos labios os seus bellissimos sermões, tão cheios de encanto e de sabedoria, ou curvado sobre a sua mesa de trabalho, escrevendo para o Reino maravilhosas cartas sobre politica, administração e diplomacia; entretanto, resolvo-me de preferencia a extrahir um episodio da destruição da republica dos Palmares, o fim de tudo, quando os negros vencidos preferem a morte á escravidão. Mas... em vão procuro pintar a figura heroica do chefe Zambí, rolando do alto rochedo com os seus companheiros de armas.

Outros factos, outros nomes vêm em tropel aguçar-me o desejo de escrever; penso

nos grandes guerreiros do Paraguay; penso no sympathico estadista, defensor da raça negra, visconde do Rio Branco; penso nas luctas dos abolicionistas, nos perfis inolvidaveis de Luiz Gama, de Ferreira de Menezes, de Joaquim Serra, de Patrocínio... Penso no marechal Deodoro da Fonseca, fazendo fulgurar o aço da sua espada limpida na radiosa manhã de 15 de Novembro de 1889, em que a Republica surgiu para o Brasil, sem maculas de sangue; penso no grande morto Benjamin Constant, o organisador patriota, — e retrocedo para outras eras, confundo-me entre outros nomes; e porque não sei como destacal-os sem os amesquinhar, é que faço esta pergunta :

— Mamãe, que hei de escrever?

Meu filho.

Entre muitos factos da nossa historia, esqueceste o capitulo da insurreição pernambucana, por exemplo, que te daria motivo

para descrever heroicos feitos. Entretanto, dir-te-ei que detesto as guerras, abomino-as sob todos os aspectos. O homem deve ter do mundo e da vida uma concepção mais vasta e mais pura. Os labores da paz são os que engrandecem as nações. Uma charrua vale mais que uma espada. Esta faz derramar sangue e lagrimas; aquella faz rebentar da terra as plantas que nos dão sombra e fartura. Digo-te isto por que é de guerras o capitulo que te apontei e para affirmar-te mais uma vez que ser forte e ser patriota não é saber matar, mas sim saber amar, honrar o seu nome e trabalhar sem odios nem rancores por ninguém.

Lembra-te, em todos os tempos, de que a minha aspiração materna é esta, esta só : que meus filhos sejam homens de bem, e pelo bem uteis á sua patria.

Tua mãe.



REPUBLICA



— Papae, o professor disse hoje na escola que a Republica foi proclamada no Brasil em 15 de Novembro de 1889. É verdade?

— O que o professor diz é sempre verdade. E não disse quem foi que a proclamou?

— Disse que foi o marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

— É exacto.

— Mas então, antes de ser proclamada a Republica, que havia?

— Havia a Monarchia, desde a inde-

pendencia, que foi declarada em 7 de Setembro de 1822.

— Qual é a differença entre republica e monarchia?

— Isso é difficil de ser comprehendido por uma criança, e eu só te explicarei se estiveres muito attento.

— Estarei attento.

— A differença principal é esta : a Republica é o governo do povo todo, e a monarchia é o governo de uma só familia. Nas monarchias ha uma familia privilegiada, que se julga e se diz investida de um direito divino, que a auctoriza a governar por todo o sempre a nação, de modo que o chefe d'essa familia é o rei ou imperador do paiz e governa-o até á morte.

— E quando morre?

— Quando morre, o governo passa para o seu herdeiro. O defeito maior d'esse systema está nisto : é que o povo não póde escolher para seu chefe o cidadão mais capaz, mais virtuoso ou mais habil, e tem de se sujeitar sempre ao acaso, que tanto póde fazer com que o chefe da familia rei-

nante seja um grande homem, — como um homem sem prestimo algum, sem intelligencia ou sem criterio.

— E na Republica?

— Na Republica não é assim. A Republica moderna tem esta divisa ou lemma :



Marechal Manoel Deodoro Fonseca.

« Liberdade, Igualdade, Fraternidade. »
Ora, como todos os homens são livres, eguaes e irmãos, o povo escolhe livremente entre os mais competentes, os mais honrados, os mais sabios, aquelle que ha de governal-o e dirigil-o, e que deve ser o seu representante directo e a maior auctoridade da Nação; é a esse chefe do Estado, que se chama Presidente da Republica.

— E o Presidente da Republica tambem governa até á morte?

— Não, meu filho. Governa por um espaço de tempo limitado, marcado na lei suprema do paiz, a qual se chama : Constituição. Na nossa terra, o periodo do governo do presidente da Republica, é de quatro annos.

— Assim é melhor, porque, se o presidente fosse máo e governasse por toda a vida, seria uma desgraça para o povo.

— Em geral os presidentes são bons, porque o povo não escolhe para esse elevado cargo senão homens muito conhecidos, que já tenham mostrado as suas bõas qualidades e talentos.

— E porque se substituiu no Brasil a Monarchia pela Republica!

— Por muitas razões, que só mais tarde poderás comprehender. Mas vou explicar-te as principaes. — Olha, meu filho, as monarchias neste seculo de liberdade não existem porque sejam necessarias : vivem da tradição, do prestigio da antiguidade, porque todas ellas vêm de longos

annos, e algumas até de muitos seculos; ora, a monarchia no Brasil não tinha essa immensa força da tradição, porque era recente e porque começou por um principe estrangeiro, que não era sympathico a todos os brasileiros; emquanto que a idéa da Republica, realizada na data que te disse o teu professor, já tinha essa força tradicional, pois já por ella, em repetidas luctas, muitos brasileiros haviam derramado o seu sangue.

— Não sabia d'isso!

— Pois fica sabendo. Em 1792, ha mais de um seculo, deu-se a primeira tentativa de revolução para declarar o Brasil independente e instituir o governo republicano : foi a conjuração mineira. Em 1817 houve uma revolução republicana em Pernambuco; em 1824 houve outra na mesma provincia; a que se juntaram Parahyba, Rio Grande do Norte e o Ceará, sendo proclamada a Confederação do Equador. Em 1835 rebentou a revolução do Rio Grande do Sul, que durou dez annos, que chegou a invadir Santa Catharina e estabeleceu a chamada — Republica de Piratinim.

— É interessante. E diga-me, papae, qualquer pessoa pôde ser presidente da Republica?

— Qualquer; e para provar-te a verdade d'isso, vou contar-te a historia de um grande homem que foi presidente da Republica dos Estados Unidos da America. Presta attenção, que d'estes exemplos é que podemos colher o melhor ensinamento.

— Como se chamava esse homem?

— Abrahão Lincoln. Nasceu em Kentucky no anno de 1809, de uma pobre familia de colonos. A sua infancia foi amarga. O avô fôra morto pelos indios, e o pae, moço ainda, morreu quando Abrahão tinha apenas dez annos.

— Coitado! e elle não tinha irmãos, papae?

— Tinha dois irmãos, ambos mais moços do que elle. Desesperada, a familia mudou-se para o Illinois, onde o bom pequeno, para ajudar sua mãe, foi successivamente tropeiro, catraeiro, lenhador e fabricante de cercas. Não tinha o pobre Abrahão, como tu, uma mamãe sempre prompta a escl-

recel-o nos estudos, nem um pae, que, como o teu, satisfizesse com paciencia todas as suas curiosidades. O tempo era pouco para ganhar o pão. Cresceu lutando com a adversidade. Para se educar, elle, depois de homem, comprava jornaes e livros elementares; estudou sobretudo geometria, e fez-se agrimensor, depois de já ter exercido varios officios rudes e pesados, quer em terra, quer em navios de transportar madeira. De agrimensor voltou Abrahão Lincoln a ser lenhador; depois carregador em barcos do Mississipi, e, á custa de grande economia, conseguiu estabelecer-se em Decatur com uma venda. Então já era casado. A' noite ensinava os filhos e alguns operarios adultos. E com tanta alma estudou, que se fez advogado. As maiores difficuldades estavam vencidas. Elegeram-no deputado, e uma dezena de annos mais tarde era eleito presidente da Republica!

Partindo da sua residencia para a séde do governo, todo o povo o acclamava durante a viagem, com o respeito e o entusiasmo que inspiram os grandes homens!

E ahi está como na Republica póde ser chefe da nação um homem de origem obscura e humilde. Comprehendeste bem?

— Comprehendi. E agora, papae, tambem eu hei de gritar com enthusiasmo :

VIVA A REPUBLICA!



O AVÔ



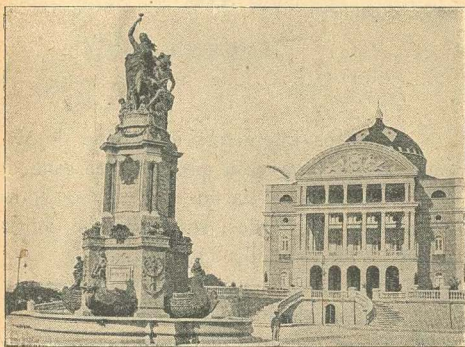
A poucos kilometros da cidade de Ma-
náos existe uma casa pequena, cercada de
pés frondosos de cacáo, por onde, como
grandes cobras verdes, se enlaçam e sobem
as hastes da bauuilha cheirosa.

Nessa casa mora uma familia muito
querida pela vizinhança. O avô, natural de
Aracajú, é muito intelligente e grande
conhecedor das nossas terras; a filha, uma
amazonense serena e bondosa, cose para as
crianças, prepara os seus jantares de tar-
taruga com todo o esmero, e vive cantando
como um sabiá.

Mas o bonito de vêr-se é quando, ao
caír da tarde, o velho sergipano, á sombra
das suas queridas arvores, com um dos ne-

tos sobre os joelhos e os outros á roda, desata a falar das suas lembranças e do seu lar paterno na foz do Cotinguiba.

Às vezes diz-lhes versos; fala das sa-



MÃNÃOS. — O monumento do Amazonas e o Theatro.

tyras de Gregorio de Mattos, dos episodios de Santa Rita Durão, dos idyllios de Gonzaga, e dos poemas indigenas de Gonçalves Dias — e com voz tão clara e cantante recita os versos, que a familia fica embevecida e extatica.

— Estes nomes, diz elle muitas vezes, são dos mais gloriosos da nossa historia.

É a litteratura de um paiz que revela a sua grandeza e o seu cultivo. Tudo



ESTADO DO AMAZONAS. — Arredores de Manáos.

passa, e tudo se perderia nas névoas do tempo, se não fosse o livro, o livro onde se condensa a alma das nações, e que nos ensina o respeito pelo passado.

E a nossa litteratura não é mesquinha;

nenhum paiz da America a tem melhor. Haveis de lèr os romances de Alencar, de um americanismo sem par, e haveis de lèr depois os poetas e os prosadores d'esta geração, para que possaes comprehender bem os altos destinos da nossa patria. Nenhum paiz do mundo, que ame as artes e por ellas peleje, pôde deixar de ser bem querido!

Cantam as cigarras; voam em bando as borboletas, e no horizonte o sol vermelho e grande afunda nas impetuosas aguas do Amazonas a sua auréola formidável. O velho sergipano recita ainda versos musicaes, deliciosos... Pontilha-se de luzes o céo. São as estrellas; o Cruzeiro do Sul abre os seus braços de ouro... e só então o velho leva nos braços o neto adormecido, e deita-o nã rêde de embira, onde talvez o pequeno sonhe que ha de ser poeta um dia e que então tambem elle honrará a patria com poemas de sentimento e de enthusiasmo civico.

Meu Eduardo.

Cruzeiro do Sul, 4 de Dezembro.

É de uma nova porção da Patria que te escrevo estas linhas, assegurando-te que tinhamos razão, nós dois, quando, nas férias do anno passado, lendo aquelle curioso ROBINSON CRUSOÉ, imaginavamos que deveria constituir para o homem um dos seus melhores orgulhos o transformar paizes incultos e barbaros em nucleos pacificos e civilizados. Sentados um ao lado do outro, com os olhos fitos ávidamente na mesma pagina d'esse livro aventureiro, que de paizes desertos a audacia da nossa imaginação descobriu para as façanhas do nosso espirito creador! Os perigos das ilhas mysteriosas, cobertas de urzes e de fraguedos, onde os vagalhões rebentassem com estrondo, as feras uitassem, mas

onde não houvesse para abrigo do homem nem um telheiro pódre de palma ou de sapé, nem para a sua alimentação o minimo pé de couve, sorria-nos melhor que todas as riquezas e todas as honras que nós pudesse offerecer o nosso futuro, previsto dentro de uma sociedade nutrida pela ambição, o egoismo e a hyprocrisia dos povos.

O facto de naufragar em um mar desconhecido e ir ter semi-mortos e nós a uma praia agreste, parecia-nos uma d'essas delicias só reservadas aos eleitos da fortuna. Pondo-nos no lugar de Robinson, quantas vezes assegurámos um ao outro que em identicas circumstancias qualquer de nós dois faria muito mais do que elle fez! Lembraste? Teriamos construido cidades com architecturas ousadissimas, creado leis novas, estabelecido a vida d'outra fôrma mais bella...

Infelizmente, nem tu nem eu contavamos sair da casa confortavel em que tinhamos nascido e iamos vivendo sem sentir a vida. Mal diria eu que antes de passados doze mezes, havia de partir do Rio de Ja-

neiro em demanda d'estas terras longinquoas do Acre, a que meu pae foi chamado por encargos da sua profissão de engenheiro e onde tenho observado que as nossas creadoras fantasias de rapazes têm na pratica a seducção que promettiam no sonho. Não imaginas a belleza de vèrmos transformar-se um seringal tristonho numa cidade moderna, rasgada de avenidas, bordada de parques, semeada de escolas. O primeiro prefeito, Thaumaturgo de Azevedo, ao traçar o plano d'esta cidade, devia ter sentido innumeradas vezes aquelle fremito que nos sacudia ao crearmos a nossa ilha... fantastica. O Acre sae da mattaria selvagem e dolorosa, como uma borboleta azul de um casulo pardo. Elle era um logar de isolamento ou de desterro, só servindo de esperança aos cearenses, quando, em épocas de secca no seu Estado, partiam ás levas para os seringaes, mais certos de encontrarem nelles a morte do que a fortuna...

Realmente, a vida dos seringueiros era uma tragedia inenarravel de sacrificios e servidão. Quem se lembraria nunca, a não

ser tocado por uma desgraça, de vir para uns climas considerados peores que os do proprio inferno e que são, entretanto, magníficos!

Considerando a felicidade, a pujança d'esta região brasileira que o grande espirito do nosso grande estadista Barão do Rio Branco tornou um dos mais promettedores Estados do Brasil, sinto cada vez crescer-me mais a admiração por esse homem. A cada escola que se funda, já não aqui na capital, mas nos seringaes mais remotos, o nome d'elle vem-me aos labios envolto num voto de felicidade perenne... Ver fundar-se uma civilização, affirmo-te, meu Eduardo, que é o espectáculo mais nobre que póde haver para um espirito curioso, e que elle sobrepuja os mais arrojados devaneios de todos os Robinsons... de quinze annos!

Teu

João.



ANTES MORRER DE FOME!



Em um domingo de Julho passava uma *tropa* por uma estrada do sertão de Goyaz, quando os tropeiros ouviram gemidos que saíam de um rancho abandonado, coberto de sapé.

— Olá! que é isso? gritaram elles.

— Sou eu, que morro aqui coberto de feridas e ao desamparo... respondeu alguém, com voz apenas perceptível.

Os tropeiros estacaram, entraram no rancho, e viram um homem que parecia morphetico, deitado sobre um couro secco de boi, sem travesseiro, no mais repugnante e miseravel estado. Aterrados, com medo de apanharem tambem aquella terrivel doença, trataram logo de fugir; mas não o puderam fazer tão depressa que não ouvissem a voz do orphão Joaquim, menino de

doze annos, — que ia em sua companhia para Catalão. Joaquim dizia :

— Vão indo; eu é que não deixo assim aquelle desgraçado. O que lhes peço é que me deixem um pouco de café, uma caneca e assucar...

Os tropeiros pararam a distancia e exclamaram estupefactos :

— Estás doido! queres morrer tambem, aqui no meio d'este matto?! Aquella doença pega-se...

— Não importa.

— E se forem atacados á noite pelas feras?

— Paciencia!

— Vem-te embora, menino!

— Não vou.

Vendo os tropeiros que a resolução do rapaz era inabalavel, deram-lhe o que elle pedira e continuaram o seu caminho, resmungando : — « Sua alma, sua palma! »

Ficando só com o doente, Joaquim tratou de auxiliá-lo. Fez-lhe um colchão de largas e frescas folhas de inhame, lavou-lhe as feridas, improvisou um travesseiro

onde o desgraçado repousou a cabeça, matou-lhe a sede, e accendeu fogo na estrada, onde preparou café, que o enfermo tomou sofregamente.

O coração de Joaquim enchia-se de piedade por aquella miseria. O homem causava-lhe uma repugnancia horrivel, que elle vencia redobrando de solicitude.

— Quer que eu lhe mude a posição do corpo? Quer agua com assucar?

O homem dizia que sim ou que não, e Joaquim procurava satisfazel-o depressa.

Durante as primeiras noites, o menino não adormeceu : além do cuidado, tinha medo! A floresta, que se extendia muito negra de um e do outro lado da estrada, o barulho soturno das aguas despenhando-se dos montes para os valles, o resonar oppresso do doente, a que a luz da fogueira dava um aspecto medonho, tudo aquillo fazia tremer o bonissimo Joaquim, que nem assim afrouxava na sua caridade para aquelle homem desconhecido, quasi podre, extendido na terra como um velho tronco carunchoso! Durante o dia, Joaquim caçava,

como podia, uma ou outra lebre, ou ave selvagem. Em pouco tempo, graças ao seus euidados, o enfermo parecia outro. As feridas começavam a seccar, e elle já se erguia sem o auxilio do seu enfermeiro.

Um dia, sentindo-se mais forte e animado, perguntou elle a Joaquim :

— Tens familia?

— Não tenho ninguem.

— Como vieste parar aqui?

— Acompanhava aquelles tropeiros para Catalão. Como não tinha recursos, pedi áquelles homens que me deixassem vir em sua companhia, e ora a pé, ora a cavallo, percorri grande parte do sertão.

— Como te chamam?

— Joaquim.

— E o meu nome, não te importa sabel-o?

— Para que? .

— Não desejas saber se te sacrificas por um homem de bem ou por um... bandido?

— Não...

— Se te dissessem que eu era um

ladrão, um assassino, não te arrependerias de me ter feito bem?

— Não, senhor.

— És um anjo. Agora dize-me uma coisa : gostarias de estudar?



GOVAZ. — Largo de Chafariz.

— Muito!

— Porque não estudas?

— Porque sou pobre; preciso trabalhar.

— Escuta : vês aquella trouxinha, naquelle canto?

— Vejo.

— Vae buscal-a e abre-a.

Joaquim obedeceu. Mal desamarrou a trouxa viu cair d'entre as roupas uma grande carteira, pesadissima; abriu tambem a carteira, a mandado do doente, e logo os seus olhos espantados viram uma porção de notas grandes, cuidadosamente dobradas e premidas.

— Queres esse dinheiro?

— Não, senhor.

— Olha que são contos de réis. Porque não os guardas para ti?

— Porque não são meus. São o custo do seu trabalho.

— Enganas-te... esse dinheiro... esse dinheiro... roubei-o!

Joaquim recuou, deixando cair a carteira ao chão.

— Que é isso!... tens medo?

— Tenho horror!...

— Se não tivesses nada... nada que comer, não te deixarias vencer pela tentação?

— Nunca! antes morrer de fome...

— Preferirias morrer de fome a roubar a um homem rico e avarento?!

— Sim!

— Mas... se num momento infernal tivesses commettido semelhante crime... que farias depois? Já não, terei sido bem castigado?! Escuta a minha confissão inteira, Joaquim. Deus mandou-te como um anjo até á minha miseria, para salvares minh'alma assim como salvaste o meu corpo. Tens razão de ter horror áquelle dinheiro, que representa uma traição.

Eu era amigo de um homem abastado no Rio de Janeiro, quando rebentou a revolução de 1893. Ferido por uma idéa maldita, eu denunciei esse homem innocente á policia, como sendo um espião dos revolucionarios. Quando o infeliz foi preso, eu estava a seu lado, lamentando-o! Elle pediu-me com toda a confiança que lhe guardasse este dinheiro, que acabara de tirar de um banco. Era o que eu esperava! Estás vendo como o guardei! O homem pouco tempo esteve preso : reconheceram a sua innocencia. Então eu fugi, internei-me no matto, assustado, sempre com medo de ser perseguido. A consciencia, quando tem culpa, é a nossa peor inimiga!

Felizes na terra, só os que não praticam senão boas acções! Vivendo errante, com medo de tudo, estava prestes a enlouquecer quando caí aqui exausto, ardendo em febre. O castigo ainda não foi bastante: fiquei coberto de chagas? Sabes o resto. Não sou digno da tua commiserção, mas podes salvar a minha alma. Que me aconselhas?

— Restituir o dinheiro...

— Como? !... pois terei ainda de humilhar-me noutra confissão?

— Iremos juntos. Procurarei dar-lhe coragem. O seu amigo perdoará!

Um mez depois, Joaquim chegava sózinho ao Rio de Janeiro, e procurava como um louco o amigo lesado pelo homem do rancho. Este morrera de repente, deixando nas mãos do menino a grande carteira recheada de notas.

Depois de um trabalho insano, conseguiu Joaquim restituir o dinheiro ao dono, pedindo perdão para o culpado. O homem não só perdoou, como, para recompensar a honestidade do menino, se encarregou da sua educação.

Meu amigo.

Cuyabá, 2 de Outubro.

Hontem, em casa de minha madrinha, encontrei um senhor chegado ha pouco da cidade de Meia-Ponte, de Goyaz. Fui-lhe apresentado como sendo um menino intelligente, de quem se páde esperar alguma coisa. Elle varou meus olhos com o seu olhar agudo e penetrante, como se quizesse vêr dentro de mim as aptidões annunciadas.

Como eu supportasse bem o exame, elle pareceu satisfeito e disse :

— Ainda bem! o nosso paiz, meu rapaz, carece de homens independentes, fortes e que possam dar alguma coisa. Cresce com a idéa de fazer a Matto-Grosso todo o bem que um filho carinhoso e rico deve fazer a

seus paes pobres... Os nossos Estados precisam de homens de valor e de dedicação.

A terra produz muito, é prodigiosa de fertilidade; mas isso não basta para lhe dar



MATTO GROSSO. — Cuyabá.

importancia. Só prosperam os paizes em que os homens são cultos e trabalhadores. Cresce com a idéa de cortar o teu Estado de estradas de ferro, de lhe estudar as culturas, de fazer propaganda para colonisar os seus sertões, de lhe augmentar as industrias, de corresponder, emfim, ao muito que

lhe deves, retribuindo-lhe em beneficios os dons naturaes que d'elle e dos teus herdaste. Cresce com o pensamento de tornar o teu Estado o primeiro Estado brasileiro. Essa ambição o engrandecerá. Communica aos



CUYABÁ. — Trecho do Passeio Publico.

teus collegas de classe essas idéas de patriotismo, atira a semente a torto e a direito, que em algum cerebro ella pôde encontrar terreno proprio para a sua germinação! Por minha parte, sinto que hoje não perdi o meu dia, e que tenho a ventura de apertar a

mão de um futuro bemfeitor de Matto-Grosso!

Senti a alma crescer-me dentro do peito, e foi tal a expressão de enthusiasmo no meu rosto, que minha madrinha veio beijar-me na testa sem esconder a sua commocão!

Ah, meu amigo, fica certo de que eu procurarei com afinco realizar os conselhos d'este homem! as suas palavras esclareceram um sentimento que vivia encoberto no meu coração, mas que existia, sinto-o agora!

Trabalharei com o fito de ser um dia util á minha terra, pelo meu esforço, a minha intelligencia e a minha abnegação. Só agora comprehendo quanto é elevado o destino do homem, quando elle o saiba dirigir para o bem! Escrevo-te estas linhas persuadido de que nellas encontrarás algo que te dê prazer!

Teu, sempre amigo

Francisco.



O GIGANTE BRASILIÃO



I

Tia Michaela dormia a somno solto na sua cabana solitaria da floresta, quando foi despertada por uma voz, que lhe gritava de fóra :

— Tia Michaela! eh! Tia Michaela!

A velha sentou-se na cama e poz-se á escuta.

A voz repetiu :

— Tia Michaela?! .

— Quem será? reflectiu ella; e logo alto :

— Quem é?

— Abra a porta!...

— Já vou... mas ainda é noite... está escuro!...

— Não tenha medo.

— Não tenho medo; estou me vestindo! Quem não deve, não teme.

— Então abra a porta.

— Ha alguma desgraça ahi pelos caminhos?

Ninguém respondeu.

— Quem precisa de mim?

O mesmo silencio.

— Ora esta! Porque não responde?

A Tia Michaela pareceu-lhe então sentir um rumor ligeiro de passos fugitivos.

Fazia frio; ainda era noite e os gallos cantavam.

A velha benzeu-se e abriu a porta; uma lufada de vento apagou-lhe a candeia. Olhou para a frente : não viu nada; olhou para cima, e viu estrellas. São quatro horas, pensou, avançando um passo á procura de quem a chamara; nisso tropeçou em qualquer coisa. Abaixou-se, apalpou e reconheceu que o que estava no chão era uma criancinha; colheu-a nos braços, beijou-a e disse :

— Serás meu filho!

Nesse momento as estrellas sorriram umas para as outras, como se fossem olhos de anjos que se alegrassem.

A bondosa velha voltou para dentro, reaccendeu a candeia e mirou o pequenino com toda a attenção. Elle era bonito e miúdo; tinha a cabeça do tamanho de uma lanterna e uns beicinhos côr de coral.

— Coitado! como está geladinho...

Michaela aqueceu-o dentro do seu chale. D'ahi a uma hora rompia o dia.

Á roda da cabana, nas copas frondosas das araucarias e das cabiunas cantavam innumeros passarinhos; no rancho, ao lado, zurrava com alegria o *Mata-Mouros* — meigo burrinho da Michaela, e mugia, chamando a dona, a vacca *Morena*, com o focinho virado para a banda onde nascia o sol. Então Michaela abriu a porta e disse para os dois animaes :

— Nasceu-me esta noite um filho! Agora tendes dona e dono.



Os animaes, habituados á sua voz, voltaram-se para ella e talvez tivessem notado que a Tia Michaela estava mais bonita.

Das montanhas vinha o doce cheiro da baunilha e dos espinheiros, e os regatos cantavam musicas divinas!

Desdobrando a manta que envolvia o pequenino, Tia Michaela viu que elle trazia um cartão pendurado ao pescoço.

— Olá que é isto! e, soletrando, conseguiu lêr :

*Chamo-me Vasco, e sou filho
do gigante Brasilião.*

II

Tia Michaela não acreditava no que seus olhos viam. Teria sido a voz do gigante que a despertara assim por horas mortas da noite? Qual!

Dizia toda a gente d'aquellas redondezas que havia na serra um homem muito grande e muito formoso, que parecia todo feito de neve e de sol. Quem se levantasse

antes de ser dia, lá o veria na mais bella montanha, com roupas vaporosas e corôado de luz. Desapparecia aos poucos, e onde se mettia ninguem o sabia dizer. O povo chamava-o Gigante Brasilião, e diziam-n'o dono de toda a Serra dos Orgãos.

Essa lenda não commovera nunca a Tia Michaela, que só acreditava no que os seus olhos viam. Por isso remexia entre os dedos com verdadeiro pasmo o cartãozinho mysterioso, soletrando de novo : Gi-gan-te-Bra-si-li-ão !

A criança começou a chorar e então Michaela tratou de mungir a *Morena*, e deu ao recém-nascido leite fresco e saboroso. Assim estava, sentada á porta da sua choupana, com o menino nos joelhos, quando viu vir, por uma picada, o negro Thomaz, lenheiro. Chamou-o logo e contou-lhe o acontecido.

— Uê, gente! exclamou o preto, coçando a barba. Por que é que o gigante, que é tão rico, escolheu a senhora, que é pobre, para tratar do filho?

— Talvez por ter pena de mim...

— Ha tanta moça por ahí!

— Sára, mulher de Abrahão, tinha noventa annos quando teve o filho. Eu só tenho sessenta, Thomaz! Até á hora da morte, em se podendo, deve-se fazer bem. Hei de ter forças para criar este anginho... Agora, o que é certo é que eu não pensei nunca que houvesse de verdade o tal gigante!

— Eu não dizia?! Olhe, ainda hontem, enganei-me e saí de casa antes da hora...

— E depois?

— Elle lá estava naquelle morró, todo extendido que nem uma nuvem!

— Isso é verdade, Thomaz?

— É. Pois então?!

— Você que fez?

— Voltei para casa e esperei pelo sol.

— E depois?

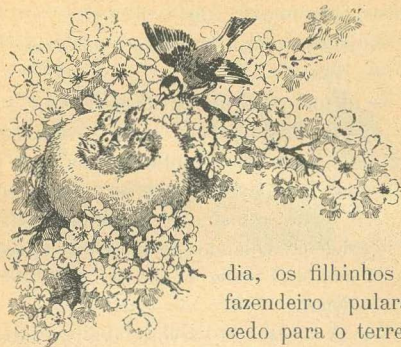
— Quando tornei a saír já estava tudo limpo.

— E elle é bonito, o gigante?

— É lindo como um santo!

— Dizem que é bom...

— É muito poderoso, e não quer que se toque em nada que lhe pertença... Outro



dia, os filhinhos do fazendeiro pularam cedo para o terreiro e foram colher um ninho em uma aroeira; pois sabe o que aconteceu?

— Não, Thomaz.

— O gigante bradou lá de cima com voz grossa : « Deixem os passarinhos socegados ! » E as crianças foram em tropel para dentro.

— Para mim, isso foi alguém que fingiu de gigante.

— Quem havia de ser?

— Qualquer pessoa escondida no matto.

— E commigo?

— Que houve com você?

— Pois a minha senhora não sabe?

— Não...

— Uma madrugada levei o meu serrote e o machado para o matto, e atirei-me com força para um jequitibá; mas logo do primeiro golpe toda a arvore se sacudiu com raiva, a terra tremeu, e eu caí de joelhos, sem coragem. Quando levantei os olhos... minha senhora! sabe o que eu vi?

— Não...

— A copa da arvore era a cabeça d'elle, com os cabellos espalhados e brilhando que nem o sol! Desde então eu só cato galhos e troncos seccos.

— Faz bem, Thomaz.

III

O preto espalhou por toda a redondeza a grande novidade. Correu gente á choupana da Tia Michaela para ver o filho do gigante. Uns levavam-lhe rendinhas para as misolas, outros, touquinhas e sapatos de lâ, olhando para a criança com enlevo. En-

tre as moças do logar, foi uma, chamada Paula, que desatou num pranto quando viu o menino.

Michaela perguntou-lhe :

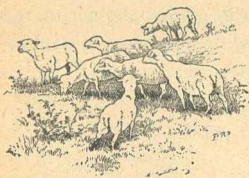
— Porque é que você chora assim?

Paula beijou-lhe a mão e contou esta historia :

— Eu estava de criada em uma casa na villa quando, ha tres dias, a filha mais moça do dono da casa teve um menino que



era mesmo uma flôr! A criança nasceu á noite, e ainda quando fui deitar-me bem a vi, muito linda, dormindo perto da mãe,



que não fazia senão chorar... Mas logo no outro dia, bem cedo, quando entrei no quarto, não vi o menino e perguntei espantada — Onde está a criança?!

A avó respondeu : Esta noite o Gigante Brasilião veio buscal-a para a levar para a serra, onde ha boas cabrinhas para amamental-a! Mas você não diga nada a ninguem, porque o gigante exigiu segredo!

Michaela sorriu e respondeu :

— Paula, guarda o teu segredo, mas fica certa de que não ha gigante nenhum. A verdade é esta :

A moça era ainda muito inexperiente e, não sabendo criar o filho, mandou-o para mim, que amo as crianças e vivo sózinha. Guarda o teu segredo, Paula, que eu guardarei os meus cuidados para este anginho. A mãe d'elle agora sou eu, e por isso bem estimo que o pae seja o Gigante Brasilião!

IV

Vasco cresceu alegre e robusto. Quando chegou aos oito annos, era o menino mais forte e de mais clara intelligencia de todo aquelle logar, e tanto assim que, só por ter ouvido um dia uma menina ler alto um

pouco da historia do Brasil, elle falava nas guerras selvagens dos Tapuyas e dos Tupys, citando os nomes das tribus, ensinando aos outros rapazinhos da sua idade o que eram as *taperas*, as *tabas*, as *ocas*, rindo-se das maldades do *Anhangá* e das astucias dos *caaporas* que attrahiam as crianças para as mattas...

Vasco levantava-se de madrugada, tomava um copo de leite da vaquinha *Morena* e o seu banho frio, porque elle, como todos os meninos bonitos, era muito asseado, e ia depois correr pelas campinas, cantando alto, rindo, saltando, entretendo-se com brinquedos innocentes, poupando sempre os animaes, colhendo flôres de quaresma e maravilhas para a Tia Michaela, galhinhos seccos para o fogo, ajudando com bom humor a pobre velha, que já se sentia muito cançada.

Elle trazia sempre os bolsos cheios de pinhões, carregava cestos de pitangas e de framboezas, e na cabana solitaria da floresta nunca faltava, graças á sua actividade, o feixe de lenha para o lume, a bilha

de agua fresca da nascente, um ramo de flôres e um bom punhado de fructas.

Toda a gente o conhecia pelo filho do gigante, e não se admirava de que elle tivesse herdado do pae aquelle amor paternal por todas as coisas da natureza.

Tinha já Vasco quatorze annos quando a bôa Michaela morreu. A velhinha fechou os olhos com toda a serenidade. Quem tem a consciencia limpa, morre sem pavor. Vasco chorou-a amargamente, mas, procurando reagir, lembrou-se de correr pelo mundo; falou então com Thomaz, o preto lenhador, dizendo-lhe estas palavras :

— Thomaz, toma conta da minha cabana e da vaquinha, que está muito velha e precisa de bons cuidados. Come da minha horta, que plantei de novo. Não cortes as arvores da floresta, e dá pousada a todos os viandantes cançados ou transviados, que vierem bater a esta porta. Não tens agora casa; fica na minha e usa d'ella como se fosse tua. Eu vou em busca do meu pae, o gigante e voltarei com as mãos cheias de ouro, que repartirei contigo.

O lenhador respondeu :

— Vae com Deus, meu filho!

No outro dia, muito cedo, Vasco saltou da cama, vestiu-se, pôz em um saquinho o pouco dinheiro que lhe deixára a boa Michaela, abraçou Thomaz, e foi sellar no rancho o burro *Mata-Mouros*, que já estava longe de ser novo, mas que ainda parecia disposto a grandes valentias.

Seguindo pela estrada, montado no seu burrinho pardo, Vasco ia pensando :

— Se o Gigante Brasilião é tão poderoso e tão bom, ha de acolher-me e fazer de mim, que sou seu filho, o senhor d'esta terra maravilhosa!

Vasco tocava o *Mata-Mouros* ao acaso, a caminho da serra, onde diziam habitar sempre o famoso gigante. E assim foi indo, foi indo, até que anoiteceu. O menino, intrépido e valente, não esmorecia, mas notou que o *Mata-Mouros* trocava as pernas de cançado e cambaleava de somno. Teve pena. Nisso viu uma luz pequena e tremula no meio de um campo vasto e triste como se fôra um mar! E ca-

minhou para a luz. Ao approximar-se, notou que a luz saía de uma casa, e bateu na porta tres pancadas, — tan-tan-tan!

A porta abriu-se.

Era a casa de um fazendeiro. Vasco comeu regaladamente e o seu burrinho foi bem tratado. E, como estivesse toda a familia reunida no serão, contavam historias uns aos outros para se entreterem. Vasco ouvia tudo com a maior attenção.

Uma cabocla, que estava fazendo requeijão, foi a primeira a falar.

— Esta noite, disse ella, eu vi o Gigante Brasíliao! E todos exclamaram : — Ah! como foi?!

— Foi assim : Eu ouvi as cabras e os carneiros balirem, como se estivessem com medo ou com alguma dôr. Abri a janella devagarinho e espreitei : — só tive tempo de vêr o gigante tirar um cordeiro da bocca de uma onça, e logo tudo socegou. A féra fugiu como um raio, e as cabras e os carneiros adormeceram muito tranquillos...

— Como era o gigante?

— Parecia todo de prata, como se fosse

feito só da luz da lua! Não lhe pude vêr as feições: desapareceu de repente.

O fazendeiro murmurou:

— Se não fosse o gigante, as feras comeriam as nossas rezes e a nossa lavoura seria mesquinha. Elle protege os fracos. Outro dia, os filhos do vizinho Ambrosio abandonaram

a casa e lá foram para a cidade; o velho ficou sózinho, muito triste! Mas, agora que não tinha



Onça.

quem o ajudasse, devia trabalhar. Pegou na enxada e lá se foi chorando para o campo, chorando de dôr pela ingratidão dos filhos, e de saudade. Logo á primeira enxadada, quasi caiu por terra, mas, sem saber como, ergueu-se cheio de força e poz-se a trabalhar com um vigor extraordinario! Viu então que alguém lhe sustinha o braço, e que os golpes fundos que elle descarregava na terra eram vibrados pelo Gigante Brasileiro! Nunca a lavoura d'elle esteve tão bonita!

E todos repetiram :

— Nunca!

Vasco mal dormiu aquella noite e logo de manhãzinha saltou para o terreiro, selou o bom e pachorrento *Mata-Mouros* e, depois de agradecer a pousada, continuou o seu caminho.

V

Pac-tó, pac-tó, pac-tó, lá ia o *Mata-Mouros* pela estrada fóra. A manhã estava linda e as montanhas immensas da serra enorme ainda se envolviam na neblina da madrugada. Perobas, caneleiras, jacarandás, cabiúnas, paineiras, vinhaticos, todas as bellas arvores da matta, abrigavam passaros alegres ou orchídeas deslumbrantes. Vasco olhava de vez em quando para um e outro lado, esperando surprehender o gigante. Apezar de velhinho, o burro mostrava-se valente e trotava com alegria. A pouco e pouco o sol foi redobrando de calor. Para o meio do dia, Vasco sentiu sêde e fome, e quiz descansar um pouco no máto. Apeou-

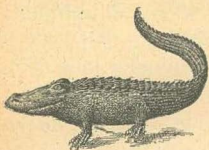
se, desarreou o burro e olhou em roda procurando que comer. Logo os seus olhos viram uma verde bananeira, de onde pendia um cacho madurissimo de bananas. Vasco puxou da sua faca, só destinada a cortar os empecilhos do caminho, taes como espinheiros, cipós, e as fructas para o seu alimento. Em um instante o cacho de bananas caiu por terra e elle regalou-se comendo algumas. Depois cortou um nó de taquarrassú, e fez d'elle um copo magnifico, em que bebeu agua fresca. *Mata-Mouros* roía em socego as hervas, e os passaros gorgeavam que era uma delicia! Com a barriga cheia e o espirito socegado, Vasco resolveu dormir uma somneca.

VI

Pum!... pum! reboaram dois tiros na floresta e o burrinho zurrou com verdadeira angustia!

Despertado em sobresalto, o menino mal atinou com a causa d'aquillo, quando

ouviu uma bulha surda de corpo que se atirava a torto e a direito por entre as remarias da floresta. O coração bateu-lhe; a



Jacaré.

bulha approximava-se! O pacato *Mata-Mouros* já denunciava receios de perigo proximo! Depois de um segundo de anciosa expectativa, Vasco subiu

apressado a um ipê para ver o que se passava do outro lado do cipoal, e, tremendo da cabeça aos pés, presenciou esta scena medonha :

Á beira de um lago surgiam curiosas as cabeças de dois jacarés furibundos, olhando para o matto com certo espanto.



Veado.

Que bichos, santo Deus!

Subitamente, estacando da sua furiosa carreira, appareceu um bellissimo veado, de galhos altivos e pernas longas e finas. Nos seus olhos vivissimos lia-se o desespero da perseguição. Vasco

conjecturou que o animal viesse fugindo aos tiros de algum caçador.

E vinha; mas já tinha sido longa a corrida, e o animal resolvera cortar o caminho, voltando á esquerda, quando uma enorme giboia, até ahi occulta, balançou no ar seu corpo molle e laçou-o em um abraço apertado. E de tal modo o apertou que o pobre veado não pôde soltar um gemido! Os olhos saíram-lhe das orbitas;



Giboia.

a lingua, muito vermelha, saltou-lhe da bocca, e o esqueleto quebrou-se-lhe, como se fosse de vidro! A giboia comeu-o todo! Depois enrolou-se, enrolou-se, e em tantas voltas que mais parecia um grosso tronco de arvore!

Vasco viu então com verdadeiro terror que estava a dois passos de um ninho de cobras, porque, lá do alto do ipê percebia movimentos em outros troncos eguaes... Era mesmo preciso que a carne do *Mata-Mouros* fosse muito velha e rija para que

as cobras assim o desprezassem! Vasco escorregou devagar, segredou ao seu burro, que estava mais morto do que vivo, os seus receios, e fugiram com precaução para a estrada.

Um pouco por causa da idade, e muito por causa do susto, *Mata-Mouros* ficou cego de um olho, e parece que tambem um tanto prejudicado do ouvido.

VII

Os caminhos da serra eram maravilhosos, mas os pobres viandantes raspavam os seus sustos bem bons!

Vasco ainda assim era arrojado, alegre e senhor da sua força; mas o companheiro trocava as pernas e ajoelhava-se se algum tatú atrevido ousava sair da tóca defronte de seu focinho, ou se alguma capivara chafurdava com rumor o corpo na agua em que elle ia beber, ou se alguma cotia cortava a estrada, ou se alguma cobra innocente rumorejava nas folhas caídas, ou

se algum coati mostrava, em uma travessia, o seu focinho pontudo.

Querendo alcançar um povoado, Vasco cada vez se internava mais no matto. Dormia sob as perobas, as canelas, os louros e todas as bellas arvores do bosque, accendendo fogueiras para afugentar a bicharia, e só se alimentava de cardos, jacobitabas, cambuhys, côcos, mamões e outras fructas sylvestres.



Tatú.



Capivara.

Uma vez, quando mastigava socegadamente uns bellos araçás, pareceu-lhe sentir um rumor suspeito a poucos metros de distancia. Serviu-se do mesmo expediente da primeira vez : subiu a uma figueira brava e olhou para a frente. Arrepiaram-se-lhe os cabellos só de susto! viu uma grande onça malhada, que se encaminhava vagarosamente para aquelle lado. Que horror!

Vasco, por si, julgava-se livre de perigo lá no alto da arvore, muito fina para ser abarcada pelo animal; mas que seria do pobre *Mata-Mouros*, que se encolhia todo, com as orelhas em pé e o rabo murcho?! A onça parecia sorrir, e não se apressava, como quem soubesse que as suas presas não lhe poderiam fugir! Assim, com todo o descanso, decidiu-se a deitar-se um pouco, lambendo as patas e fechando os olhos. Mas... nem mesmo uma onça pôde estar em socego na floresta!

Vasco já mal se sustinha nos galhos da arvore e o burro erguia para elle os olhos supplicantes, como se lhe dissesse :

— Acode-me!

O momento era angustioso! Qué fazer?

Por fortuna, appareceu de repente, quasi em frente á onça, um grande tamanduá. Os dois animaes contemplaram-se um segundo, e atiraram-se logo um ao outro com verdadeira furia! Sentia-se-lhes o bufar angustioso e a bulha surda dos corpos na lucta. Por fim o tamanduá deixou-se caír, com o ventre rasgado pelas garras e os

dentes da onça, que, pousando sobre o corpo da sua victima uma pata, ergueu para as arvores a cabeça triumphante, como se lhes dissesse :

— Viram?!

E berrou com força, para annunciar a sua victoria a toda a floresta. Que soubessem d'ella os formosos jacarandás, os vinhaticos poderosos, as innumeradas palmeiras gentis, e as paineiras em flôr, e a sapucaia, e o iti, as gamelleiras e o pequiá! Que todas as nossas arvores bellissimas, estremecessem áquelle berro de triumpho e que pelas veias dos cipós pendentes descesse o mesmo fremito ás samambaias, ás ortigas bravas e ás trapoerabas do chão.



Tamanduá.

A onça, satisfeita, fechou a bocca, rangeu os dentes, e, voltando-se, caminhou a passo para o lado de Vasco e do *Mata-Mouros*. Ella alli ia, cheirando a sangue, farejando carne! *Mata-Mouros* zurrou e Vasco murmurou :

— É agora!

Mas não foi. Um tiro reboou na floresta e tão de perto e tão certo, que a onça caiu logo, com a cabeça varada por uma bala:

O menino não pôde conter um grito de entusiasmo ao ver um caboclo romper da mattaria; desceu então da arvore e abraçou aquelle homem, chamando-o seu salvador!

VIII

O pequeno resolveu seguir ao lado do caçador corajoso, que tão milagrosamente lhe apparecera.

Tinham andado um bom pedaço, sempre acompanhados pelo *Mata-Mouros*, quando tiveram de estacar; o caboclo exclamava :

— Por aqui anda macaco! E a carne do macaco é excellente!... Olhe! lá está elle naquelle ingazeiro! E apontou a espingarda. Ao mesmo tempo Vasco presenciou uma scena commovedora.

O que estava na arvore era uma macaca.

Vendo para si apontado o cano da espingarda, o animal ergueu nos braços um tenro filhinho, que estava amamentando, e mostrou-o ao caçador, como se invocasse a sua piedade e lhe dissesse : não te peço a minha vida, peço-te a vida de meu filho! Se eu lhe faltar, quem tratará d'elle?

Entretanto o tiro tinha partido e a macaca, sentindo-se ferida, não abandonou o filho ; despenhou-se com elle, deitou-o num gramado, cortou com o dentes, uma folha de inhame, e espremeu nella, como se fôra em um copo, o seu leite, depressa, antes que a morte o seccasse! O leite caía em gottas na folha verde, como perolas num vaso de esmeraldas; assim a macaca deixava a sua provisão de leite ao filho amado e, chorando, em tristes queixumes, morreu ao pé d'elle.

Tambem Vasco chorava e o proprio caçador estava pallido e arrependido. Matar é sempre máo.



Macaco.

O bom menino atreveu-se a aconselhar ao caboclo que não matasse nem os animaes inoffensivos, nem os innocentes passarinhos. E o homem prometteu fazer-lhe a vontade.

Tinham de separar-se e Vasco perguntou ao companheiro se lhe saberia dizer onde morava o Gigante Brasíliao.

O outro respondeu :

— O gigante mora em toda a serra. Ora está nas restingas, ora no mais alto dos morros. As vezes mesmo entra por essas mattarias dentro e a grandes pernas passa-se depressa para outros Estados.

Disse-me um companheiro que já o viu lá para os confins do Paraná e que até o ouviu gritar nas Sete Quédas do Paranapanema! A sua voz era tão forte que fazia tremer toda a terra e dizia assim : *Ajoelhem-se deante de mim! ajoelhem-se deante de mim!*

Os bugres d'aquellas redondezas ficam pasmados olhando para a agua que sete vezes se despenha, sem saber de onde vem aquella ordem que as assoberba.

Um pescador meu amigo, este da barra de Santos, foi uma noite muito triste para o mar. Deixára os filhinhos em casa sem vintem e a mulher ás portas da morte. A noite estava negra e ventosa e o peixe não vinha, por mais que lançasse a rêde. Desanimado, o pescador começou a chorar, e através das lagrimas viu em uma enorme jangada o bom gigante, toca-que-toca, recolhendo nas mãos enormes punhados e punhados de peixes, que saltavam brilhando como faquinhas de aço. O pescador, boquiaberto, viu que era para dentro da sua rêde que o gigante lançava aquella pescaria toda, e que ao mesmo tempo os remos do seu barco se moviam em direcção á praia, levando-o para casa. O pobre homem nem pôde falar, de commovido e de contente. D'ahi por deante tudo lhe correu bem na vida : a mulher salvou-se, os filhos criaram-se e os negocios melhoraram. Entretanto, ha muita gente que diz que aquillo foi sonho!

— O senhor já o viu?

— Já.

— Quando?

Em um dia de tempestade. Eu atravessava sózinho a floresta, com pavor das arvores que se torciam, rangendo desesperadas. Virgem Maria! Os trovões reboavam como eu nunca ouvi! De repente, um raio estalou sobre a minha cabeça; parei estarecido! Como por encanto, senti ao mesmo tempo que o gigante abria sobre mim as suas enormes mãos protectoras.

Depois de tudo passado, abri os olhos: deante de mim estava uma palmeira imensa! Só para que eu não lhe agradecesse, o gigante tinha-se transformado... Vá confiado; elle gosta de crianças. Dizem mesmo que para os entes fracos é que é mais amavel; abre os braços, espalma as mãos e deixa assim que as patativas e os sabiás durmam entre os seus dedos ou façam os ninhos na sua frondosa cabelleira! Caminhe para deante, já que tem coragem; eu volto para trás, para ao pé de minha mulher e de meus filhos. Ao mesmo tempo que falava, o caçador punha ás costas a macaca morta e na bolsa o macaquinho recém-nascido.

— Ao menos trate bem do filho! re-commendou-lhe Vasco; e o caçador respondeu :

— Vou estimal-o, descance.

E assim se separaram.

IX

Uma noite, tremendo de frio, Vasco e o seu burrinho acolheram-se muito aconchegados para de baixo de um ingazeiro. Voejavam pyrilampos, piscando na treva as suas lanterninhas côr de esmeralda. Aguas de um rio corriam perto, num murmúrio brando.

— Meu pobre *Mata-Mouros!* começo a arrepender-me d'esta aventura, por amor de ti! Tem paciencia, meu velho, e perdoame...

Mata-Mouros, como não sabia falar, bafejou o seu halito quente sobre o corpo gelado do menino, como para provar-lhe que não estava zangado.

Vasco fez fogo, por precaução, e dei

tando-se sobre folhas seccas dormiu como um principe num colchão de paina.

Dormia ainda quando, pela madrugada, um rumor extranho e doce encheu toda a floresta. Todos os passaros cantavam ao mesmo tempo. Os lirios côr de marfim, á beira d'agua, empertigavam-se nas hastes, redobrando de aroma, e nos braços verdes da baunilha, grandes flôres cheirosas baloiçavam-se como thuribulos, espargindo perfumes. Ipês atapetavam o chão de florinhas, um chuveiro de petalas de ouro, e enquanto os albores da aurora prateavam as aguas fugitivas e as humidades dos rochedos cobertos de bromelias, colibris luminosos despertavam por entre orchídeas resplandecentes.

Vasco sonhava :

O Gigante Brasilião passava offuscando, como se os seus olhos fossem sões!

Sentiu-lhe a caricia dos dedos por entre os cabellos, e era como se aquelles dedos fossem de velludo!

Vasco despertou e sentou-se de um salto. Onde estaria o gigante?

— *Mata-Mouros!* não o viste passar?

Mata-Mouros não entendeu a pergunta e estava sereno, como se nada de extraordinario tivesse acontecido.

O menino expertou-o :

— Vamos, meu velho, sigamos o gigante, que passou por aqui!

Caminharam em vão serra acima e serra abaixo, ora entre tijucaes, ora sobre penedias, atravessando cachoeiras ou saltando vallados.

Prudente, *Mata-Mouros* avisava-o de longe dos perigos presentidos. Já elle estava ha tempo de orelhas fitas, pello arrepiado, quando um barulho exquisito se fez ouvir. O burrinho, apezar de velho e de tremulo, subiu lesto para um rochedo proximo e que parecia ter sido posto alli para a sua salvação.

Mal tinham alcançado o alto da rocha, quando uma vara de porcos do matto passou grunhindo, batendo tudo que ia encontrando no caminho.

Depois de os sentir bem longe, Vasco abraçou *Mata-Mouros*, que tremia ainda e

para allivial-o, apeou-se e levou-o pela redea até um prado onde havia bôa herva, aguas limpidas e muitos araçaseiros carregadinhos de fructa.

X

Depois d'isso succederam varios episodios, que não vale a pena mencionar. Vasco e *Mata-Mouros* estavam amarellos e magros de canceira, quando um dia avistaram um alvejar de casinhas brancas e uma torre de egreja muito caiada, que apontava para o céu. Era uma villa. Lá chegaram depressa.

A primeira casa que viram estava com a porta e as janellas abertas. Vasco apeou-se e entrou. O burro, por discreção, ficou á porta. Um segundo depois, Vasco, espantado, penetrava em uma sala ampla, muito limpa, onde uns vinte meninos liam sentados em bancos, em frente a um velho de cabellos brancos e de olhar bondoso. Esse homem era o mestre. Vendo o po-

bre menino tão pallido e cansado, perguntou-lhe de onde vinha e que desejava.

Vasco contou-lhe a sua historia, accrescentando :

— Estou farto de andar e peço agora ao senhor mestre, que tudo sabe que me diga onde posso encontrar o Gigante Brasilião.

O velho ergueu-se, sorriu, passou paternalmente a mão pela cabeça de Vasco e respondeu :

— Meu filho! o Gigante Brasilião é uma lenda, é um nome que o povo deu ao nosso paiz, pois fica certo de que só na imaginação ha entes assim sobrenaturaes.

Depois, approximando-se da janella, foi apontando successivamente diversos pontos, á proporção que dizia :

— O Gigante Brasilião é tudo isto : estas montanhas enormes, que são o seu dorso; estas arvores altissimas, que são os seus musculos; estes rios e mares, que são as suas fertilissimas veias; este aroma de seiva, que é o seu halito, e as rochas

duras, que são os seus ossos; e mais as noites estrelladas, que são os seus sonhos!

É da bondade, da inextinguível fertilidade d'este solo, aberto para os pobres em mananciaes purissimos, que lhe vem o nome de grande, de bom, de generoso, que os homens rusticos traduziram pelo de gigante. Em qualquer ponto que lhe dermos um golpe; d'ahi veremos rebentarem flôres e fructos, em vez de sangue e de odios.

Não morremos de fome nos seus braços e dormiremos tranquillos no seu seio. Olha agora para aqui.

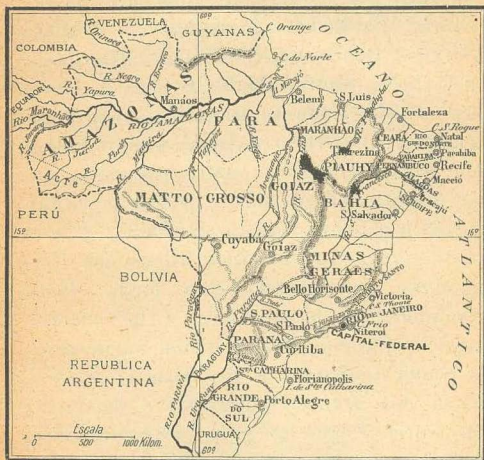
E o velho encaminhou-se para um mappa do Brasil, que cobria uma parede da sala.

— Vasco, meu filho, fizeste bem em vir bater em uma escola; vaes receber a tua primeira licção.

Apontando agora no mappa os logares de que falava, o mestre ia dizendo :

— O Brasil é isto tudo! Aqui, ao norte, vemos o Estado do Amazonas, que poderás suppôr ser a cabeça febril do gigante. Através do seu territorio despenha-se o

mais formidável rio do globo, e elle e os seus afluentes são como que as veias d'aquelle cerebro que não deixarão nunca de



pulsar com energia. Aqui, o Pará, Estado forte, riquíssimo, rasgado pelas mesmas aguas do grandioso Amazonas, ordeiro e prospero, grande em toda a extensão da palavra; aqui o Maranhão, patria de grandes

filhos, cujos nomes te ensinarei a amar; agora, nesta cadeia á beira do oceano, vemos como que a espinha do teu gigante, formada por todos estes Estados : Piauhy, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo e Rio de Janeiro! No centro, Matto Grosso e Goyaz são o peito onde se esconde o coração do gigante, mysterioso e forte! aqui o Estado de Minas Geraes, o ventre uberrimo, que se desentranha em ouro e pedras preciosas, altivo e generoso; agora, S. Paulo, a terra fertilissima, cortada pelos trilhos das locomotivas, caminhando com força, dando exemplos de prosperidade e de energia; aqui o Paraná, de um clima amenissimò, e Santa Catharina e Rio Grande do Sul, terra dos grandes guerreiros e defensores da patria. Como um ponto de communhão, um lugar em que todos estes bellos Estados se fazem representar, aqui temos a Capital, a cidade do Rio de Janeiro, posta á beira da mais bella bahia do mundo, sorrindo de entre as suas montanhas incomparaveis!

Como vês, o gigante Brasilião é isto. Eu, que tenho os cabellos brancos, amo-o com o mesmo amor que tu. Fica commigo, estuda e quando souberes o que eu sei, voltarás para a tua choupana, embellezal-a-ás, crearás em torno de ti um ambiente de paz e de alegria e, lavrando esta terra bem-dita, enriquecerás a tua prole e farás a fortuna do nosso pae commum — O GIGANTE BRASILIÃO.

FIM



INDICE



	Pags.
A nossa bandeira.	7
A nossa lingua.	11
Minha mãe.	15
Meu pae.	17
Carta I.	19
A pobre cega.	25
O thesouro.	35
Carta II.	43
O grumete.	47
Carta III.	57
O sino de ouro.	61
Carta IV.	69
Aventuras de Rosinha.	73
O preto velho.	83
Carta V.	89
Polaco I.	93
Um martyr.	101
Paciencia e bondade.	107
Amor da Patria.	115
Depois da batalha.	121
Coragem.	131
Carta VI.	141
A fabrica.	147
Uma pergunta.	155
Republica.	159
O avó.	167
Carta VII.	171
Antes morrer de fome.	175
Carta VIII.	183
O Gigante Brasilão.	187

Edições da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

- Arithmetica Intuitiva** — curso elementar e medio — (2340 exercicios de calculo mental — 900 problemas escriptos — 163 gravuras), por Olavo Freire, 1 vol. cart..... 2\$000
- Compendio de Pedagogia Escolar**, precedido d'um resumo de *Psychologia applicada á educação*, de accordo com o programma da Escola Normal, pelo Dr Feliciano Pinheiro Bittencourt, 1 vol. cart..... 2\$500
- Methodo facil para aprender o Latim**, pelo Dr Fortunato Duarte, 1 vol. cart..... 3\$000
- Minha Primeira Viagem á volta do Mundo**, traducção do Dr Laet, 1 vol..... 3\$000
- Historia do Brasil**, pelo Dr F. Pinheiro Bittencourt, 1 vol. in-16, com illustrações, cart..... 2\$000
- Livro de Leitura**, para o curso complementar das escolas primarias, por Olavo Bilac e Manoel Bomfim, 1 vol..... 4\$000
- A Educação Nacional**, por José Verissimo (da Academia Brasileira), 2.^a edição, com uma nova introdução..... 2\$000
- Mappa do Systema Metrico Decimal**, contendo, em tamanho natural, o desenho dos pesos e medidas, por Olavo Freire, professor da Escola Normal da Capital Federal, aparelhado com meias cannas de madeira..... 6\$000
- Compendio de Historia da Literatura Brasileira**, pelos Drs. Sylvio Roméro e João Ribeiro, 1 vol. cart..... 5\$000
- O Livro das Donas e Donzellas**, por D. Julia Lopes de Almeida, 1 vol. in-8 francez, illustrado, impresso e encadernado em Paris..... 7\$000
- O Atheneu**, celebre romance de Raul Pompeia, edição illustrada segundo os desenhos do auctor, 1 bello volume, impresso em Paris, br..... 3\$000
- A mesma obra**, bella enc. flexivel..... 5\$000
- Minha Historia Sagrada**, traducção do Dr Carlos de Laet, obra approvada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro, 1 vol. in-4 francez, illustrado de numerosas bellissimas gravuras e chromos..... 3\$000
- Chimica Organica e Inorganica**, por Arthur R. Cardoso, obra adoptada pelo governo do Estado de São Paulo, 2.^a edição, 1 vol. in-16..... 3\$000
- Exercicios Cartographicos**, por Olavo Freire, approvados pelo Conselho Superior de Instrucção publica da Capital Federal — seis cadernos..... 2\$000
- Curso Elementar de Geographia**, por Horacio Scrosoppi, 1 vol. com gravuras e cartas geographicas..... 2\$000
- Tratado de Versificação** — A Poesia no Brasil — A Metrica — Generos literarios, por Olavo Bilac e Guimarães Passos, 1 vol. cart..... 3\$000
- Theatro Infantil** (comedias e monologos em prosa e verso), por Olavo Bilac e Coelho Netto, 1 vol. cart.... 2\$000
- O Confeiteiro Popular**, por Francisco de Queiroz, 2.^a edição augmentada e illustrada, 1 vol. cart..... 3\$000